

Ana Saraiva Louro Santana



**CREATIVE UNIVERSITY**

2014 Instituto de Arte, Design e Empresa –Universitário

O DESENHO E A COLAGEM COMO  
EXPERIÊNCIA IDENTITÁRIA NO ENSINO  
DAS ARTES VISUAIS

RELATÓRIO DE ESTÁGIO



## **RELATÓRIO DE ESTÁGIO**

Escola Secundária António Gedeão

### **O DESENHO E A COLAGEM COMO EXPERIÊNCIA IDENTITÁRIA NO ENSINO DAS ARTES VISUAIS**

Relatório de Estágio apresentado ao IADE – U Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário, para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ensino das Artes Visuais no 3º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário, desenvolvido sob a orientação científica da Doutora Maria de Lourdes Rodrigues de Victória Riobom, Professora Auxiliar do Instituto de Arte, Design e Empresa – Universitário, IADE – U e sob a coorientação do Professor Carlos Manuel Ganhão Calado, professor profissionalizado do Quadro de Zona Pedagógica, na Escola Secundária António Gedeão.



Dedico este trabalho ao Eduardo e ao Henrique, que me ensinam a ser melhor.

## O Júri

presidente

**Doutor Carlos Alberto Miranda Duarte**,  
Professor Associado com Agregação e  
Presidente Executivo da Comissão de  
Instalação do *Instituto de Arte, Design e  
Empresa – Universitário*

vogal

**Doutora Maria Teresa Torres Pereira  
de Eça**, Investigadora do Núcleo de  
Educação Artística do *Instituto de  
Investigação em Arte, Design e  
Sociedade- IIADS, Universidade de  
Porto*, Professora convidada no Curso  
de Doutoramento em Educação Artística,  
*Faculdade de Belas Artes da  
Universidade do Porto*

vogal

**Carlos Manuel Ganhão Calado**,  
Professor profissionalizado no  
Agrupamento de *Escolas António  
Gedeão*

vogal

**Doutora Maria de Lourdes Rodrigues  
de Victória Riobom**, Professora Auxiliar  
do *Instituto de Arte, Design e Empresa –  
Universitário*

## **Agradecimentos**

Agradeço à professora Maria de Lourdes Riobom pela sua generosidade e por todas as conversas encorajadoras que manteve comigo de cada vez que reuníamos. A sua opinião foi de enorme relevância para o desenvolvimento do meu trabalho e para o meu crescimento pessoal e profissional no desenrolar destes meses.

Obrigada mãe e pai, pela vossa dedicação aos meus dois tesouros, enquanto eu estava numa aula ou a escrever mais um capítulo do presente relatório, sendo também a escrita de mais um capítulo das nossas vidas.

Agradeço-te Paulo, pela forma como orgulhosamente estiveste ao meu lado neste meu percurso de conhecimento e de vontade de ser mais, de ser maior.

Obrigada Calado, pela porta da sala de aula aberta, cheia de generosidade e companheirismo para que eu me sentisse sempre bem na tua sala com a tua turma e os teus alunos.

Agradeço a todos os meus colegas de trabalho pelo incentivo quando chegava com menos umas horas de sono e mais algumas preocupações e ansiedades. Pelas aulas que por vezes tínhamos de permutar para eu estar presente num seminário ou numa reunião.



**Palavras – chave**

Desenho; Colagem; Experiência;  
Identidade

**Resumo**

Pretendo que os alunos desmistifiquem a ideia do desenho acadêmico, que sintam que todo o traço é desenho e muito mais que isso. Que desses traços, façam o transporte para um trabalho de colagem. Desenho aqui encarado como uma experiência de fluxo onde o aluno se autoconhece e se desenvolve como pessoa, e colagem encarada como atividade reveladora da identidade de cada um.

Como ponto de partida uma exposição final onde o aluno se vê como um artista, interventivo, com um papel ativo na sociedade e participando para o desenvolver do seu espírito crítico.

Diário Gráfico como suporte de um caminho realizado pelo aluno e guardador de todas as experiências.



**Keywords**

Drawing; Collage; Experience; Identity

**Abstract**

I want students to unveil the idea of academic drawing. I want them to feel that all trace is design and it is much more than that. These traits can transport them to a collage work.

Drawing here is seen as a flow experience where the student meets himself and develops as a person. Collage is used as a bonding activity seen as revealing of the identity of each one of us.

The starting point is a final exhibition where the student sees himself as an artist, interventionist, with an active role in the society and participates to develop their critical spirit.

A drawing book acts like a support and keeper of all experiences throughout the student's journey.



ÍNDICE	
ÍNDICE DE FIGURAS .....	XV
ÍNDICE DE QUADROS .....	XVI
ÍNDICE DE GRÁFICOS .....	XVII
LISTA DE SIGLAS .....	XIX
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>20</b>
<b>I – CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR</b>	
1.1. A Escola .....	22
1.2. Os Recursos Físicos e Humanos .....	26
1.3. A Sala de Aula E1 .....	33
1.4. A Turma G do 9º Ano .....	35
<b>II – FUNDAMENTAÇÃO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA .....</b>	<b>41</b>
2.1. O Artista e a Sociedade .....	43
2.2. O Desenho como Experiência .....	48
2.3. O Desenho e a Colagem no Ensino das Artes Visuais .....	51
2.3.1. Do Desenho .....	51

2.3.2. Da Colagem .....	56
2.3.3. O Desenho e a Colagem no Ensino das Artes Visuais .....	59
2.4. Do Diário Gráfico como Suporte .....	65
<b>III – PRÁTICA PEDAGÓGICA</b>	
3.1. As Aulas Observadas e as Decisões .....	69
3.2. As Estratégias .....	70
3.2.1.Referências Icônicas da Época Histórica .....	70
3.2.2.Exercícios de Desenho .....	71
3.2.3.Exercício de Colagem .....	72
3.3. Unidade de Trabalho Lecionada: Capa de CD Comemorativo dos 40 Anos do 25 de abril .....	74
3.3.1. Explicação Sucinta do Trabalho Desenvolvido .....	74
3.3.2. Planificação da Unidade de Trabalho .....	77
3.4. Recursos e Meios Didáticos .....	83
3.4.1.Diário Gráfico .....	83
3.4.2. Apresentações em PowerPoint .....	84
3.4.3. Exposição Final .....	85
3.5. Avaliação .....	86
3.5.1. Avaliação .....	86
3.5.2. Inquérito Realizado aos Alunos .....	89
3.5.3. Apresentação dos Resultados do Inquérito .....	92

3.5.4. Instrumentos de Avaliação .....	95
3.5.5. Critérios de Avaliação .....	96
3.5.6. Análise Crítica da Prática Pedagógica .....	97
CONCLUSÃO .....	99
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	101
OUTRAS REFERÊNCIAS .....	103
ÍNDICE DE ANEXOS .....	105

## ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 – imagem da sala E1.....	23
Figura 2 - imagem da sala E1 .....	24

## ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1 - Critérios de Avaliação da Unidade de Trabalho .....	85
Quadro 2 – Classificações Finais da Unidade de Trabalho	
“Capa de CD Comemorativos dos 40 anos do 25 de abril” .....	Anexo 17

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição percentual dos alunos por género .....	36
Gráfico 2 - Distribuição percentual dos alunos por idade .....	36
Gráfico 3 - Distribuição percentual dos alunos relativamente ao núcleo Familiar .....	37
Gráfico 4 - Distribuição percentual dos alunos por escolas de proveniência .....	38
Gráfico 5 - Distribuição percentual dos alunos relativamente à deslocação casa/escola .....	38
Gráfico 6 - Distribuição percentual dos alunos relativamente à duração do percurso casa/escola .....	39
Gráfico 7 - Distribuição percentual dos alunos por atividades desenvolvidas nos tempos livres .....	39
Gráfico 8 - Distribuição percentual dos alunos por número de horas de sono diárias .....	40
Gráfico 9 - Distribuição percentual das respostas dadas pelos alunos relativamente à pergunta número um do inquérito .....	92
Gráfico 10 - Distribuição percentual das respostas dadas pelos alunos relativamente à pergunta número dois do inquérito .....	92
Gráfico 11 - Distribuição percentual das respostas dadas pelos alunos relativamente à pergunta número três do inquérito .....	93

Gráfico 12 - Distribuição percentual das respostas dadas pelos alunos relativamente à pergunta número quatro do inquérito .....	93
Gráfico 13 - Distribuição percentual das respostas dadas pelos alunos relativamente à pergunta número seis do inquérito .....	94

## LISTA DE SIGLAS

ESAG – Escola Secundária António Gedeão

CAP – Comissão Administrativa Provisória

## **INTRODUÇÃO**

O Desenho e a Colagem como Experiência Identitária no Ensino das Artes Visuais é um relatório de estágio e uma proposta educativa para a disciplina de Educação Visual, desenvolvida na Escola Secundária António Gedeão, na turma G do 9º ano de escolaridade, no ano letivo de 2013/2014. O tempo de duração da prática pedagógica foi decidido em conjunto com o professor orientador, Carlos Calado, tendo esta prática uma duração temporal de janeiro a meados de abril de 2014. Esta decisão fixou-se sobretudo devido aos prazos estabelecidos para a elaboração do relatório de estágio pelo IADE, e com a necessidade da exposição final acontecer até ao dia 25 de abril, tema que iria servir de suporte para o desenrolar da Unidade de Trabalho.

Toda a Unidade de Trabalho surgiu com o convite feito ao professor orientador, Carlos Calado, para uma exposição na noite de 24 para 25 de abril de 2014, no Fórum Romeu Correia, onde seriam expostos a sua coleção de vinis alusivos à época, bem como os trabalhos realizados pelos alunos a partir do tema. Desde logo foi notória a proximidade das estratégias utilizadas pelo professor orientador e as que eu considero mais vantajosas para os alunos. No 9º ano de escolaridade, a disciplina de Educação Visual tem uma carga horária de dois tempos semanais, e que, na Escola Secundária António Gedeão estão distribuídos uma vez por semana com tempo total de 50 mais 50 minutos. O desenvolvimento dos planos de aula e a sua aplicação ao longo da prática pedagógica foram definidos por mim sempre sob a vigilância assumida através das aulas assistidas pelo professor Carlos Calado.

Pelas razões já apresentadas acima, o tema a trabalhar foi sugerido pelo professor orientador com o objetivo da participação da turma na exposição para a qual havia sido convidado. Contudo, o desenrolar do trabalho foi tomando forma a partir das minhas intenções de alterar a relação que os alunos tinham com o Desenho e a Colagem, relação esta apreendida aquando das aulas de observação realizadas durante os meses de outubro a dezembro.

O presente trabalho visa a criação e o desenvolvimento de uma estratégia para a desmistificação da ideia de que o Desenho só o é se for académico. Pretendo que os alunos sintam que todo o traço é Desenho e muito mais que isso. Que desses

traços, façam o transporte para um trabalho de colagem. Neste trabalho o Desenho é sempre encarado como uma experiência de fluxo onde o aluno se autoconhece e se desenvolve como pessoa, e a Colagem é encarada como uma atividade reveladora da identidade de cada um. A exposição final onde o aluno se revê como um artista, interventivo, com um papel ativo na sociedade e participando para o desenvolver do seu espírito crítico e o Diário Gráfico como suporte de um caminho realizado pelo aluno e guardador de todas as experiências. Proposta de forte carácter prático, que ambiciona desenvolver nos alunos o gosto pelo desenhar de forma identitária e como uma experiência. Uma experiência sem medos, sem ansiedades mas pelo contrário encontrando nessa mesma experiência um momento único. Gosto também pelo colar, rasgar, recortar e transformar, tendo sempre em conta o indivíduo e as suas escolhas para esse trabalho de colagem.

A minha motivação para desenvolver este projeto, vem sobretudo do meu acreditar nas capacidades do Desenho para o desenvolvimento do espírito crítico, do autoconhecimento e da experiência de fluxo em cada um de nós, bem como da Colagem como trabalho identitário. O tema que sustentou todas as criações dos alunos, o 25 de abril, também me é muito caro pois pertence à nossa memória coletiva. Para colmatar tudo isto, a utilização do Diário Gráfico como suporte e guardador de todo o trabalho realizado.

Para garantir a fidelidade da investigação, o seu desenvolvimento é completo e detalhado uma vez que a caracterização social, física e cultural do contexto de estudo é assegurada. Ele é desenvolvido e construído graças à permanência prolongada no terreno que me permitiu a observação direta. Observação direta que permite o contacto direto com o objeto de estudo e o estabelecer de uma relação com todos os participantes.

Todos os comportamentos observados são descritos após a observação e registados o mais fielmente possível. O mesmo acontece com os resultados obtidos.

## I CARACTERIZAÇÃO DO CONTEXTO ESCOLAR

### 1.1.A Escola

A prática pedagógica foi realizada na Escola Secundária António Gedeão, que a partir de Junho de 2013 é sede do Mega Agrupamento de Escolas António Gedeão, onde estão incluídas as seguintes escolas: Escola Básica 2, 3 Comandante Conceição Silva, EB1 nº.1 da Cova da Piedade, EB1 nº.2 da Cova da Piedade, EB1/JI do Alfeite, EB1/JI do Laranjeiro nº.3.

A Escola Secundária António Gedeão tem como patrono António Gedeão (1906 – 1997), poeta português, ensaísta, escritor e dramaturgo, que também publicou vários trabalhos relacionados com a ciência. O alter-ego de Rómulo de Carvalho quando usando o seu nome verdadeiro também exercia a profissão de professor do ensino da Química e da História da Ciência.

A poesia de António Gedeão é considerada um enigma pois a sua obra surgiu quando o seu autor tinha cerca de cinquenta anos de idade e não se enquadra de forma clara e evidente em qualquer movimento literário. No entanto, o seu enquadramento geracional leva-o a focar-se em problemas comuns da sociedade portuguesa de então. Os seus poemas nascem de uma simbiose perfeita entre a ciência e a poesia, a vida e o sonho, a lucidez e a esperança. É aí que reside a sua originalidade, difícil de catalogar, originada por uma vida em que sempre coexistiram dois interesses totalmente distintos, mas que, para Rómulo de Carvalho e para o seu alter-ego António Gedeão, provinham da mesma fonte e completavam-se mutuamente.

A poesia de António Gedeão é comunicativa e marca toda uma geração que, reprimida por um regime ditatorial e atormentada por uma guerra, se sentia profundamente tocada pelos valores expressos pelo poeta atrevendo-se assim a acreditar que, através do sonho, era possível encontrar o caminho para a liberdade. É deste modo que “Pedra Filosofal”, musicada por Manuel Freire (1942-), se torna um hino à liberdade e ao sonho.

Situada na freguesia do Laranjeiro, fisicamente localizada numa avenida perpendicular à Estrada Nacional número dez, no Concelho de Almada, a Escola

Secundária com 3º ciclo António Gedeão foi construída pelo Ministério da Educação, em 1983.

Inicialmente designada por Escola Secundária da Cova da Piedade, possui uma área aproximada de 60 000 m<sup>2</sup> onde se inserem cinco pavilhões em alvenaria, um bloco de salas pré-fabricadas e uma área polidesportiva descoberta. Nas suas infraestruturas tem 36 salas sendo 25 de aulas e 11 salas específicas, sala de professores, biblioteca, refeitório e pavilhão desportivo.

A escola foi inaugurada em outubro de 1983, iniciando o seu funcionamento pleno em janeiro de 1984, com turmas do 7º ao 9º ano de escolaridade. A partir do ano letivo de 1988/1989 entrou em funcionamento o ensino secundário, com turmas do 10º ao 12º ano de escolaridade.

Desde a sua entrada em funcionamento que a escola secundária com 3º ciclo de António Gedeão serve, sobretudo, as populações das Freguesias do Laranjeiro, Feijó e Cova da Piedade – Concelho de Almada – o que não impede que a tivessem frequentado, e ainda frequentem, alunos dos concelhos periféricos do Seixal e Sesimbra.

A escola disponibiliza uma oferta educativa e formativa diversificada. Ao nível dos ciclos de ensino que atualmente alberga, é uma escola com turmas do terceiro ciclo do Ensino Básico e turmas do Ensino Secundário, desde praticamente a sua origem. Num momento em que a escolaridade obrigatória alcança o 12º ano, este tipo de composição é particularmente favorável à articulação entre níveis de Ensino Básico e Secundário.

A nível do Ensino Secundário, a escola disponibiliza os Cursos Científico-Humanísticos de Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas e Línguas e Humanidades, onde é vasta a oferta opcional de disciplinas para as respetivas formações específicas, oferta que é atualizada anualmente e que consta do Projeto Curricular de escola. Procurando responder de forma ainda mais completa às necessidades e interesses dos alunos, a escola oferece também os Cursos de Educação e Formação de Apoio Familiar e à Comunidade (Tipo3, nível II), Práticas Técnico – Comerciais (Tipo2, nível II) e Jardinagem e Espaços Verdes (Tipo2, nível II) bem como os cursos Profissionais de Técnico de Turismo e Animação Sociocultural no Ensino Secundário, ambos de nível III.

A escola tem uma identidade de aposta numa cultura de inclusão, tendo um núcleo de Educação Especial dinamizado por duas docentes. Apoia com particular cuidado os seus alunos mais carenciados, no sentido de promover o sucesso de todos, independentemente dos constrangimentos sócio – económicos, psicoafectivos ou cognitivos. Estes alunos com dificuldades beneficiam de apoios individuais ou de grupo, consoante a situação e os recursos da escola. São encaminhados para Apoio Educativo ou Tutoria Pedagógica ou Sala de Estudo, num leque de atividades de enriquecimento curricular que está à disposição dos alunos. A escola dispõe de um serviço de psicologia e orientação dinamizado por uma psicóloga que, no âmbito das suas competências, presta aos alunos apoio psicológico, psicopedagógico e de informação e aconselhamento vocacional.

Além disso, a variedade e consciência das atividades extracurriculares é uma das marcas identitárias da escola, que sempre apostou nestas atividades de natureza cultural e desportiva como meio de enriquecimento e realização pessoal dos alunos e como fonte de criação de laços entre todos. Pelo impacto que têm na vida da escola e nas aprendizagens há a salientar o papel de projetos como o Desporto Escolar, multidiversificado na oferta de modalidades.

A Escola Secundária António Gedeão está provida de excelentes acessibilidades, assim como está num dos principais pontos de passagem dos mais variados transportes que servem o concelho de Almada. Dispõe ainda de um complexo desportivo recente em que são oferecidas todas as condições para uma prática desportiva recorrente. A cerca de 4 minutos a pé encontra-se o Complexo Municipal dos Desportos de Almada, sendo que a escola põe à disposição dos alunos a possibilidade da prática de natação e ténis.

## O Concelho de Almada

Para percebermos melhor o meio envolvente da escola devemos explanar um pouco a cidade de Almada, a sua história e a sua economia.

Almada é a sexta cidade mais populosa de Portugal. É sede do município com 70,2 km<sup>2</sup> de área e tem cerca de 174 030 habitantes, subdividida em

cinco freguesias. O município é limitado a leste pelo município do Seixal e a sul por Sesimbra, possui uma longa costa a oeste para o Oceano Atlântico, e a norte e nordeste abre-se para o estuário do Tejo. Possui 35 Km de costa, dos quais 13 são praias. A localização no cruzamento da foz do rio Tejo com o Oceano Atlântico, frente à cidade de Lisboa, confere-lhe um papel particularmente privilegiado na inter-relação com diferentes espaços.

A sua localização na ponta Noroeste da Península de Setúbal, à margem do rio Tejo e em frente a Lisboa, faz de Almada ao longo de vários anos, um ponto estratégico militar para a defesa e vigilância das rotas comerciais da região. O rio Tejo era um cruzamento de embarcações que faziam trocas de mercadorias como por exemplo: farinha, fruta, peixe, vinho, etc. Almada nomeadamente Cacilhas, era um dos principais portos da Península Ibérica.

O concelho recebeu foral de Dom Sancho I em 1190. Em 1513, D. Manuel I atribuiu a Almada novo foral, que proporcionou transformações económicas, sociais e políticas. As primeiras referências da população e das freguesias de Almada começam a ser registadas em documentos cadastrais. O Termo de Almada adquiriu uma expressão significativa aquando da expansão marítima portuguesa, sendo parte integrante da zona de influência económica de Lisboa.

Por volta do século XIX, o concelho de Almada altera-se como consequência de vários tipos de indústria, nomeadamente na área da tecelagem, da indústria naval, moagem e cortiça. Devido à união de duas características como o sector industrial e a disposição geográfica da cidade, Almada tornou-se um ponto de fixação da população. Almada foi dos primeiros concelhos a destacar-se na afirmação política. Em finais dos anos 40 até início dos anos 70, há um aumento abrupto do fluxo migratório devido à procura de emprego e de habitação, criando grandes mudanças no concelho, e consequentemente afetando os transportes, urbanismo e vida sociocultural. Almada foi elevada à categoria de cidade em 1973.

## **1.2. Os Recursos Físicos e Humanos**

Aquando da elaboração do Projeto Educativo da escola, o número total de alunos era de 839 e distribuíam-se quase equitativamente pelo 3º ciclo e Ensino Secundário (443 e 396, respetivamente) em 33 turmas. Este ano letivo de 2013/2014, a escola recebeu mais seis turmas do 3º ciclo vindas da Escola Básica 2, 3 Comandante Conceição Silva pertencente agora ao Mega Agrupamento, e de momento, a escola tem cerca de 1000 alunos.

Existem cerca de 44% de alunos do sexo feminino e 56% de alunos do sexo masculino.

Apesar da proveniência social heterogénea dos alunos, predomina a classe média, residindo, a maioria, em bairros de qualidade média, no Laranjeiro, seguindo-se o Feijó e a Cova da Piedade.

O predomínio da classe média é evidente na análise das atividades exercidas pelos pais e mães, efetuada aquando das matrículas. Na sua maioria são empregados de comércio e serviços, outros quadros técnicos, alguns de nível superior ou com profissões liberais. Uma minoria trabalha na produção e em serviços pessoais e domésticos.

Igualmente significativo é o cômputo das habilitações literárias dos pais e das mães. A maioria frequentou o terceiro ciclo ou o Ensino Secundário, tendência que tem aumentado muito nos últimos anos devido à oferta formativa no Concelho, seguindo-se os que frequentaram o Ensino Superior. Situações dos que têm apenas o primeiro ciclo são também referenciáveis.

Nos últimos anos letivos houve um acentuado aumento dos alunos que beneficiam dos apoios socioeconómicos nos escalões A e B.

A diversidade linguística, cultural e étnica é relativamente reduzida, com alguns alunos provenientes de países eslavos, do Brasil, de países africanos e ainda dois alunos oriundos da China.

O corpo docente é constituído por 95 professores: 78 do Quadro de Nomeação Definitiva, 6 do Quadro de Zona Pedagógica e 11 Contratados. Este ano letivo houve um aumento no número de professores devido à formação do Mega agrupamento com a deslocação do 3º ciclo da Escola Básica 2, 3 Comandante

Conceição Silva, com cerca de mais 8 docentes do Quadro de Nomeação Definitiva.

O corpo não docente é constituído por 25 Assistentes Operacionais, 13 Assistentes Técnicos e 1 chefe de Serviços de Administração Escolar.

A escola incentiva os Pais e Encarregados de Educação a envolverem-se no percurso escolar dos seus educandos, o que acontece, em muitos casos, de uma forma continuada. Para além dos contactos mais institucionais com os Diretores de Turma e nas reuniões promovidas para o efeito, a escola tem uma Associação de Pais que procura a atividade e a participação. A Associação de Pais colabora a vários níveis, por exemplo, indicando os representantes nos órgãos de gestão e pedagógicos – nos quais mantém uma presença ativa – mostrando a maior disponibilidade sempre que algum problema carece de respetiva intervenção.

À Associação de Pais foi atribuída uma sala para reuniões, publica regularmente um boletim próprio, reúne periodicamente com o Presidente da CAP (Comissão Administrativa Provisória) e dispõe de espaço próprio na página web da escola.

Relativamente à organização e gestão da escola nomeadamente no que concerne às estruturas de gestão há a salientar a nomeação da escola para sede do Mega Agrupamento de Escolas António Gedeão, no ano letivo de 2012/2013, dando cumprimento a uma decisão do Ministério da Educação e Ciência. A Escola Secundária António Gedeão mega agrupou com o Agrupamento de Escolas Comandante Conceição Silva. Para a gestão do Mega Agrupamento foi nomeada uma Comissão Administrativa Provisória (CAP) constituída por um Presidente, um Vice-presidente, dois vogais e um assessor.

A CAP tem assumido um papel dinamizador, de suporte e interligação com todos os órgãos de gestão pedagógica e administrativa, respeitando as competências previstas na lei.

Relativamente à gestão pedagógica a escola tem diversos órgãos que apresento abaixo:

Conselho Pedagógico, constituído por um Presidente, Coordenadores dos diversos Departamentos, Coordenador das Bibliotecas Escolares, Coordenador

da Educação Especial, Coordenador dos Cursos de Educação e Formação e Representante da Associação de Pais.

Em conformidade com o definido no artigo 31º do Decreto-Lei 75/2008, o Conselho Pedagógico é o órgão de coordenação e supervisão pedagógica e orientação educativa do agrupamento de escolas ou escola não agrupada, nomeadamente nos domínios pedagógico-didático, da orientação e acompanhamento dos alunos e da formação inicial e contínua do pessoal docente e não docente.

Sem prejuízo das competências que lhe sejam cometidas por lei ou regulamento interno, ao Conselho Pedagógico correspondem as competências previstas no artigo 33º do Decreto-Lei 75/2008, nomeadamente: elaborar a proposta de Projeto Educativo a submeter pelo Diretor ao Conselho Geral; apresentar propostas para a elaboração do regulamento interno e dos planos anual e plurianual de atividades e emitir parecer sobre os respetivos projetos; emitir parecer sobre as propostas de celebração de contratos de autonomia; apresentar propostas e emitir parecer sobre a elaboração do plano de formação e de atualização do pessoal docente e não docente; definir critérios gerais nos domínios da informação e da orientação escolar e vocacional, do acompanhamento pedagógico e da avaliação dos alunos; propor aos órgãos competentes a criação de áreas disciplinares ou disciplinas de conteúdo regional e local, bem como as respetivas estruturas programáticas; definir princípios gerais nos domínios da articulação e diversificação curricular, dos apoios e complementos educativos e das modalidades especiais de educação escolar; adotar os manuais escolares, ouvidos os departamentos curriculares; propor o desenvolvimento de experiências de inovação pedagógica e de formação, no âmbito do agrupamento de escolas ou escola não agrupada e em articulação com instituições ou estabelecimentos do ensino superior vocacionados para a formação e a investigação; promover e apoiar iniciativas de natureza formativa e cultural; definir os critérios gerais a que deve obedecer a elaboração dos horários; definir os requisitos para a contratação de pessoal docente e não docente, de acordo com o disposto na legislação aplicável; proceder ao acompanhamento e avaliação da execução das suas deliberações e recomendações.

Conselho Geral:

O Conselho Geral é constituído por diversos órgãos que representam variadas valências a saber:

Presidente: Professor António Guerreiro

Representantes Docentes: Ana Ferreira, Carmen Carvalho, Célia Cadete, Jorge Araújo, Sandra Coelho e Tânia Serrano

Representantes Não Docentes: Carlos Lopes e Sónia Correia

Representante dos Alunos: Aminah Ahmad

Representante dos Pais e Encarregados de Educação: Ana Brito, Carla Fernandes, Ilídio Nunes, João Abrantes, Pedro Tôrre

Representantes da Câmara Municipal de Almada: Amélia Pardal, Anabela Tavares e Alberto Rodrigues

Representantes da Comunidade Local: José Kullberg, Maria Ribeiro, Sónia Godinho

Em conformidade com o definido no artigo 11º do Decreto-Lei 75/2008, o Conselho Geral é um órgão de direção de estratégia responsável pela definição das linhas orientadoras da atividade da escola, assegurando a participação e representação da comunidade educativa em que tem representação o pessoal docente e não docente, os pais e encarregados de educação (e também os alunos, no caso dos adultos e do ensino secundário), as autarquias e a comunidade local, nomeadamente representantes de instituições, organizações e atividades económicas, sociais, culturais e científicas. A este órgão cabe a aprovação das regras fundamentais de funcionamento da escola - Regulamento Interno, as decisões estratégicas e de planeamento - Projeto Educativo, Plano de Atividades e o acompanhamento da sua concretização - relatório anual de atividades. Para além disso, confia-se a este órgão a capacidade de eleger e destituir o diretor, que por conseguinte lhe tem de prestar contas.

Ao Conselho Geral correspondem as competências previstas no artigo 13º do Decreto-Lei 75/2008, nomeadamente: eleger o respetivo presidente, de entre os seus membros, à exceção dos representantes dos alunos; eleger o diretor; aprovar o projeto educativo e acompanhar e avaliar a sua execução; aprovar o

regulamento interno do Agrupamento de escolas ou escola não agrupada; aprovar os planos anual e plurianual de atividades; apreciar os relatórios periódicos e aprovar o relatório final de execução do plano anual de atividades; aprovar as propostas de contratos de autonomia; definir as linhas orientadoras para a elaboração do orçamento; definir as linhas orientadoras do planeamento e execução, pelo diretor, das atividades no domínio da ação social escolar; aprovar o relatório de contas de gerência; apreciar os resultados do processo de autoavaliação; pronunciar-se sobre os critérios de organização dos horários; acompanhar a ação dos demais órgãos de administração e gestão; promover o relacionamento com a comunidade educativa; definir os critérios para a participação da escola em atividades pedagógicas, científicas, culturais e desportivas.

Os Departamentos Disciplinares:

A supervisão pedagógica é feita através dos Coordenadores de Departamento e dos Coordenadores de Grupo de Recrutamento que acompanham a planificação, sugerem estratégias, podendo verificar testes e fazer o acompanhamento de aulas, caso lhes seja solicitado. Os grupos disciplinares fazem reuniões periódicas para planificar o trabalho letivo e para a elaboração/troca de materiais e experiências, análise do sucesso/insucesso, desenho de estratégias. Sempre que se justifica, esta supervisão permite o acompanhamento da qualidade científica e pedagógica da atividade letiva, bem como o apoio aos professores que dele necessitem.

Existem ainda equipas que são designadas anualmente e que asseguram os diversos trabalhos da organização escolar como o secretariado e júris de exames, a formação de turmas, as matrículas, etc. Estas equipas são nomeadas pelo Presidente da Comissão Administrativa Provisória, segundo critérios que procuram assegurar a continuidade e a eficácia.

Uma das marcas identitárias da escola tem sido o seu carácter inclusivo, concretizado na forma como procura integrar todos os alunos. Essa integração tem sido operacionalizada a dois níveis: na aceitação da matrícula, mobilizando

os recursos existentes, como os diretores de turma, mas também na criação de condições para um verdadeiro sucesso de todos, incluindo os que apresentam dificuldades de variadas ordens. A organização das turmas procura ser sempre equilibrada, quer em termos de género quer em rendimento escolar, embora, por vezes, existam condicionalismos vários que limitam esta preocupação. Os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem são encaminhados para apoios educativos/projetos e, no limite, para outros percursos educativos. É nos conselhos de turma que são discutidas as estratégias mais adequadas a estes alunos, promovendo uma pedagogia diferenciada e elaborando os planos de acompanhamento pedagógico nos casos necessários. São feitas reuniões periódicas que visam a avaliação e eventual reformulação destes planos.

A coordenação do trabalho ao nível da turma é da responsabilidade do diretor de turma; é ele também que procura resolver problemas relacionais ou outros, e que estabelece as pontes entre Pais/Encarregados de Educação e Professores.

A escola, ao longo destes anos, estabeleceu diversos protocolos com instituições locais, a saber: a Câmara Municipal de Almada que tem participação no Conselho Geral, dá apoio à atividade curricular, apoia nas candidaturas de projetos no âmbito do Plano de Ação Cultural, disponibiliza núcleos de estágio para os cursos CEF (Curso de Educação e Formação) de jardinagem e espaços verdes, apoio na manutenção dos espaços envolventes da escola e na contratação de serviços de manutenção no âmbito de protocolos desportivos. A Junta de Freguesia do Laranjeiro que tem participação no Conselho Geral, apoia na cedência de instalações e de meios humanos e materiais, apoio na manutenção dos espaços envolventes da escola, em intercâmbios culturais e em protocolos de âmbito desportivo. Relativamente às parcerias estabelecidas com outras instituições locais há a salientar o protocolo com a Universidade Nova de Lisboa, no âmbito do projeto “Química Experimental – Um desafio”; parceria com a Universidade do Porto, no âmbito do projeto ENEAS (European Network for Environmental Assessment and Services); parceria com a Escola Secundária Romeu Correia, no âmbito do projeto “yp quark” (Escola de Física para Jovens); protocolo com a Polícia de Segurança Pública, Centro de Saúde da Cova da Piedade, no âmbito do projeto Educar para a Saúde/Educação Sexual; apoio da Companhia de Teatro

de Almada, no âmbito do Núcleo de Teatro da Escola Secundária António Gedeão; parcerias com IPSS (Instituições Particulares de Solidariedade Social) locais e Agências de Viagem, no âmbito da criação de núcleos de estágio para os Cursos de Educação e Formação e Cursos Profissionais; protocolo com uma escola privada de futebol (Mister Foot).

A escola, partindo da avaliação interna e da avaliação externa de que foi alvo e através do diagnóstico e da identificação dos problemas e das oportunidades que formam a realidade escolar, estabeleceu um conjunto de áreas de intervenção para as quais foi definida uma missão assente em objetivos, princípios orientadores, estratégias/ações e metas.

Assim o Projeto Educativo da ESAG tem como princípios orientadores: a promoção do sucesso e do desenvolvimento pleno das capacidades dos alunos, através da prática de um ensino norteado por princípios de qualidade; preservação da identidade da escola construída ao longo dos anos e alicerçada em valores consensualmente aceites e assumidos; defesa de uma escola pública inclusiva e plural, onde as diferenças são encaradas como uma riqueza e nunca como constrangimento, no sentido de propiciar um melhor entendimento de si mesmo e do mundo, no respeito consciente pelos Direitos Humanos e na promoção de valores éticos e de práticas de partilha e solidariedade; valorização dos afetos que devem encontrar na escola espaço para se manifestar e crescer com alegria, possibilitando o desenvolvimento equilibrado das personalidades e a construção de universos pessoais singulares; valorização do saber, alicerçado na estimulação da curiosidade intelectual, no desenvolvimento do espírito analítico e crítico, postos ao serviço da resolução autónoma dos problemas concretos e das aprendizagens; desenvolvimento e mobilização de saberes humanísticos, científicos e tecnológicos, valorizando as metodologias ativas e experimentais, com utilização adequada de equipamento laboratorial, informático e multimédia; promoção do gosto pela leitura e pela procura de bens culturais enriquecedores, como meio de realização pessoal; promoção do respeito pelas regras, numa

perspetiva de defesa dos direitos e deveres individuais e coletivos; respeito participado pelos mecanismos democráticos da representatividade e da liberdade de opinião e intervenção; transparência, verdade, equidade e eficiência nos diversos setores da escola, entendida como um serviço público; aproximação da escola à comunidade.

Considerando os pontos fortes e fracos, as oportunidades e os constrangimentos e os princípios orientadores que referi anteriormente o Projeto Educativo da escola destaca seis grandes objetivos com indicadores e estratégias/ações para atingir as metas a que se propuseram até 2014.

Objetivo um – Qualificar e promover o sucesso educativo, prevenindo o abandono escolar;

Objetivo dois – Prevenir situações de indisciplina, promovendo um clima de respeito e segurança;

Objetivo três – Promover hábitos de vida saudável;

Objetivo quatro – Promover a valorização profissional e a utilização sistemática das novas tecnologias;

Objetivo cinco – Promover uma gestão segundo princípios de qualidade, equidade, democraticidade, participação e defesa da escola pública;

Objetivo seis – Promover a relação com a comunidade.

### **1.3. A Sala de Aula E1**

A sala E1 está situada no rés-do-chão do bloco E. A sala dispõe de mesas e cadeiras, no entanto não tem qualquer estirador, o que na disciplina de Educação Visual se torna num handicap para o desenvolvimento com sucesso de qualquer trabalho. As mesas são demasiado baixas para a altura dos alunos do 9º ano de escolaridade, fazendo com que, por exemplo, um trabalho de desenho, seja realizado numa postura incorrecta e pouco saudável para o aluno.

A sala não tem estores e as cortinas, que neste caso são em tiras de plástico, encontram-se em mau estado e não permitem, quando necessário, um escurecimento da sala para uma projeção com sucesso.

A sala tem um lavatório, o que para uma turma de cerca de trinta alunos se torna incomportável para a utilização do mesmo se for necessária a lavagem de materiais de pintura. Também não tem nenhuma bancada destinada a trabalhos de corte.

Dispõe de um quadro frontal preto para apoio do professor, de computador e projetor, no entanto quando tentamos ver um filme que não esteja gravado no computador, por exemplo diretamente do youtube, a internet não consegue aceder ao mesmo, por falta de rede.

A sala tem uma arrecadação com vários armários onde os alunos conseguem arrumar de forma segura as suas pastas de formato A3, pastas essas onde guardam todos os materiais riscadores e de suporte que utilizam na aula de Educação Visual.

A sala tem três quadros de exposição que funcionam como uma forma de motivar os alunos para as propostas de trabalho que lhes vão sendo feitas. Estes quadros apresentam exposições temporárias que são alteradas consoante a unidade de trabalho e os conteúdos lecionados, bem como os trabalhos realizados.



Fig. 1 – imagem da sala E1



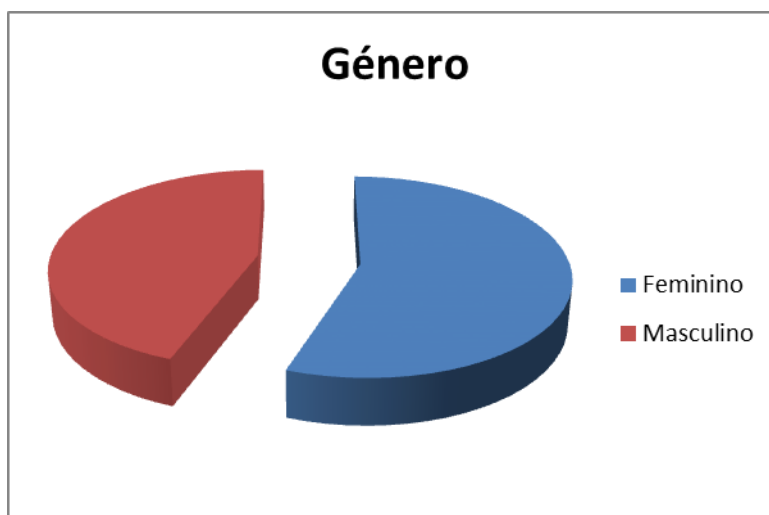
Fig. 2 – imagem da sala E1

#### **1.4 A Turma G do 9º Ano**

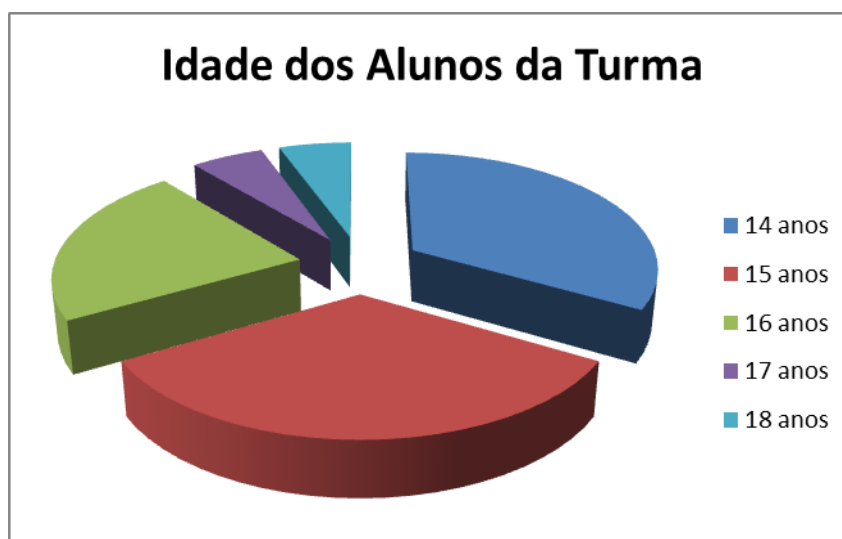
A turma G do 9º ano de escolaridade inicialmente era composta por 24 alunos. Destes 24 alunos, no início do primeiro período, dois foram transferidos e outros três foram mudados de turma. No final do primeiro período, um aluno emigrou para fora do país. De momento a turma tem 18 alunos. É uma turma de contingente reduzido uma vez que tem um aluno com Necessidades Educativas Especiais, ao abrigo da Lei nº3. Este aluno não acompanha o grupo turma uma vez que no seu Programa Educativo Individual, para além de outras medidas essenciais, está consagrada a medida de Currículo Específico Individual. Esta medida confere ao aluno um currículo específico com diversas ofertas do agrupamento como, por exemplo, ateliês que, de momento, ainda só estão a

funcionar na Escola Básica 2, 3 Comandante Conceição Silva pertencente ao Mega Agrupamento de Escolas António Gedeão.

A turma tem 10 alunos do sexo feminino e 8 alunos do sexo masculino. A pouca diferença entre géneros pode ser constatada no gráfico abaixo.

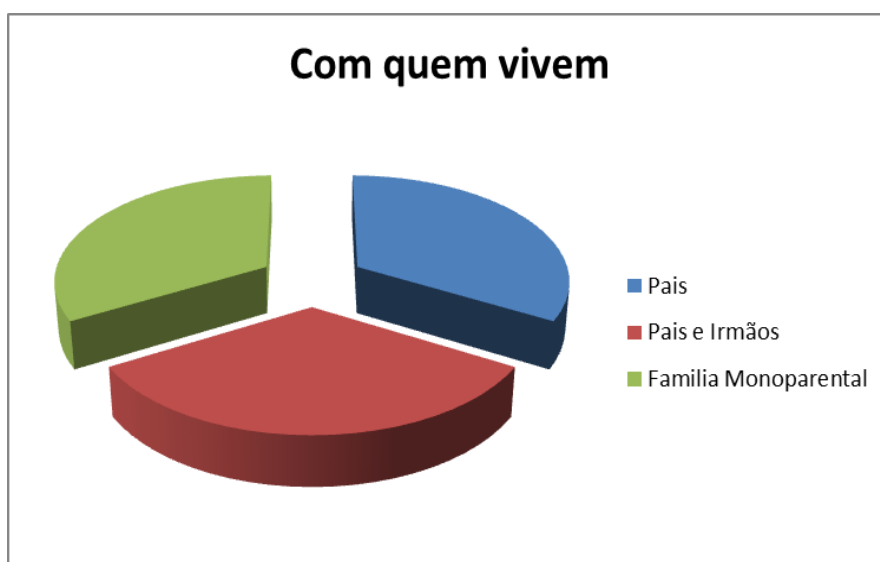


O gráfico seguinte demonstra a média de idades dos alunos da turma. Como indica o gráfico, têm entre 14 e 18 anos de idade. Seis alunos têm catorze anos, seis têm quinze anos, quatro têm dezasseis anos, um tem dezassete e outro tem dezoito anos.



Dos 18 alunos da turma, somente um é repetente do 9º ano de escolaridade.

Relativamente ao núcleo familiar dos alunos da turma podemos constatar que o gráfico abaixo se divide em três partes. Seis alunos vivem com os pais; seis com os pais e os irmãos e os restantes seis alunos somente com a mãe, indicado no gráfico como família monoparental.

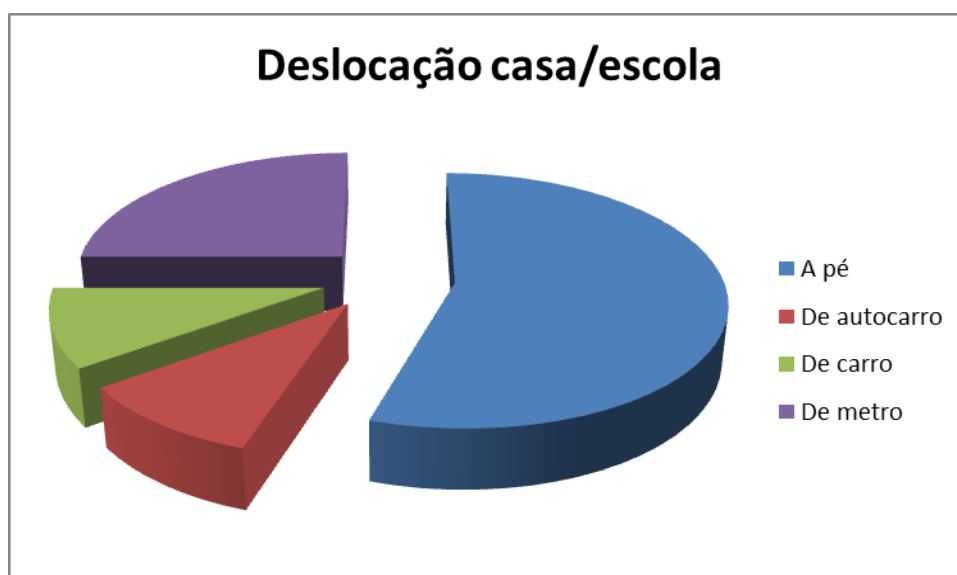


Relativamente aos irmãos é de realçar que nove dos dezoito alunos têm irmãos. No entanto, não têm nenhum irmão a frequentar o mesmo estabelecimento de ensino.

Nenhum dos alunos da turma frequentava a Escola Secundária António Gedeão no ano letivo passado. Tal deve-se ao facto já anteriormente referido: aquando da formação do Mega Agrupamento de Escolas António Gedeão foi decidido integrar todo o terceiro ciclo do Ensino Básico num único estabelecimento de ensino. Todos os alunos da turma estão pela primeira vez a frequentar esta escola. Um provém de um Colégio, um da Escola Secundária com 2º e 3º Ciclos Professor Ruy Luís Gomes, no Laranjeiro, e os restantes dezasseis alunos provêm da Escola Básica 2, 3 Comandante Conceição Silva, tal como se indica no gráfico abaixo.

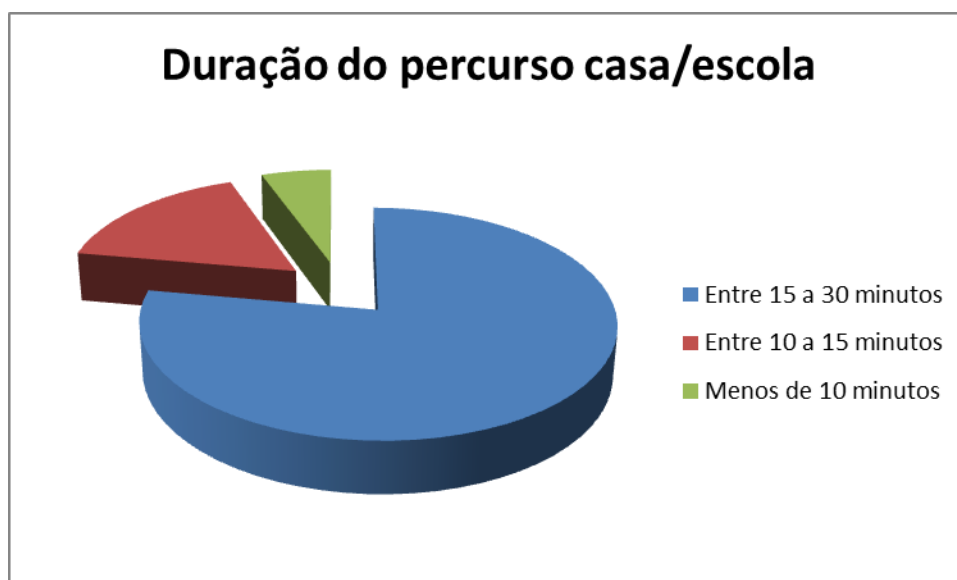


Em relação à forma como os alunos se deslocam para a escola, o trajeto é feito sobretudo a pé (onze alunos), no entanto alguns deslocam-se de autocarro (dois alunos), de carro (dois alunos) ou de metro (cinco alunos). O gráfico seguinte mostra estas escolhas dos alunos.

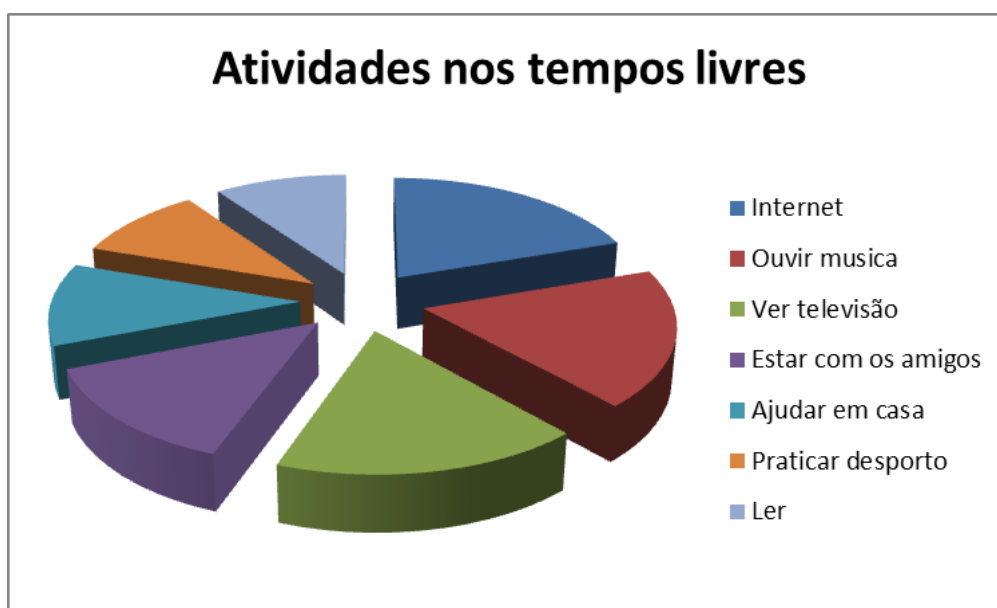


A maioria dos alunos da turma, catorze, demora entre quinze a trinta minutos no trajeto de casa para a escola e vice-versa. Três alunos demoram entre dez a

quinze minutos e um aluno depende menos de dez minutos no trajeto casa-escola. Tal pode ser constatado no gráfico apresentado abaixo.

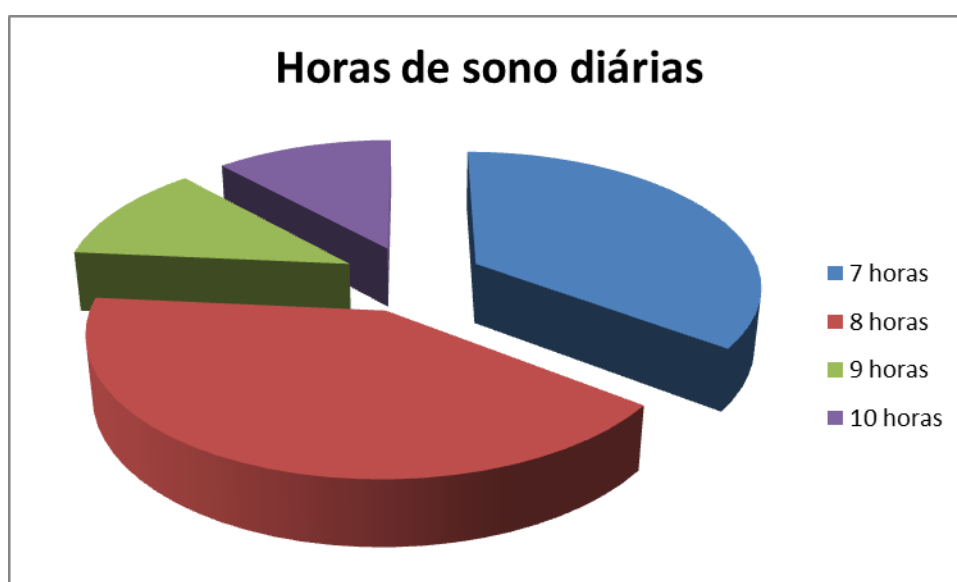


Os tempos livres dos alunos são passados sobretudo na Internet para cerca de dezasseis alunos; a ouvir música para quinze dos dezoito alunos e a ver televisão para catorze alunos. Onze passam os seus tempos livres com os amigos; nove ajudam em casa e oito lêem e praticam desporto tal como indica o gráfico apresentado para as atividades nos tempos livres.



Na turma existem três alunos com dificuldades visuais de pouca gravidade, sendo somente necessário o cuidado habitual com o lugar escolhido para as aulas mais expositivas com recurso ao quadro de giz ou ao projetor. No entanto, na turma existem dois alunos com diabetes tipo II que requerem um tratamento mais adequado ao problema de saúde em si, nomeadamente no tempo de duração de um exame para o qual um aluno diabético tem de ir prevenido.

Relativamente ao número de horas que os alunos dormem por dia há a salientar que a maioria dos alunos não dorme as nove horas necessárias para um descanso efetivo. Somente dois alunos dormem dez horas por dia e dois dormem nove horas. Dos restantes, seis dormem sete horas e oito dormem em média oito horas diárias como apresentado no gráfico abaixo.



Em relação ao pequeno-almoço salientamos que a grande maioria da turma toma o pequeno-almoço em casa. Somente um dos dezoito alunos prefere tomar a sua primeira refeição do dia fora de casa. Relativamente ao almoço, oito alunos almoçam na escola e nove preferem almoçar em casa.

## **II – FUNDAMENTAÇÃO E ENQUADRAMENTO TEÓRICO DA PRÁTICA PEDAGÓGICA**

O capítulo que agora desenvolvo tem como objetivo enunciar as ideias que estruturam a forma como encaro o Ensino das Artes Visuais e a relação que tenho com toda a minha prática pedagógica.

Todo o meu percurso como pessoa e professora é pautado por uma busca para o autoconhecimento. Essa busca esteve e está assente na capacidade e, quanto a mim, na necessidade que cada pessoa tem para através das artes, na prática do Desenho e da Colagem como experiência, desenvolver o autoconhecimento assim como também a utilização do diário gráfico no registo do quotidiano de forma sistemática.

Tentarei assim inserir uma base teórica constituída pela seleção de autores cujos estudos se centram em temas que vão do poder inerente a todos nós em sermos artistas, no sentido em que a escola deve formar a sensibilidade e o sentido crítico de cada um, à prática do Desenho e da Colagem como experiência, passando pela inteligência emocional e a didática das Artes Visuais.

A minha prática pedagógica foi sempre pautada por uma preocupação (a de que diante de mim está um conjunto de alunos, cada um num processo de autoconhecimento heterogéneo e diferente na forma e no tempo) que se tornou um veículo para o conhecimento de cada aluno que passou pela “minha” sala de aula. Entenda-se sala de aula como o espaço onde se estabelece a relação professor-aluno-professor e o lugar para a investigação, para a construção do saber e para o contacto com uma diversidade imensa de seres pensantes. Diante de mim, pessoas que não são artistas, cada um num processo de autoconhecimento próprio e individual. Acredito, tal como o artista plástico e professor Joseph Beuys (1921-1986) que a aplicação da criatividade humana na sociedade e a consequente redefinição do conceito e das fronteiras da arte, conduzem, segundo ele, à “escultura social”. Escultura social traduzida numa ideia latente na problemática estética da arte como totalidade da vida, na liberdade total ao nível da cultura e aspirações espirituais, na igualdade jurídica

ou idênticas oportunidades sociais e na fraternidade económica ou cooperação nas necessidades vitais.

O Desenho como experiência chega inserido numa prática pedagógica realizada no estágio e na minha própria experiência como alguém que sente o Desenho como algo único e de uma importância imensa. Aqui, o Desenho surge como uma ferramenta experimental e não como um fim. Aqui, o Desenho faz parte do processo. Pretendo que o Desenho seja encarado, pelos alunos, não como um produto acabado, mas como um processo de criação que invade todo o nosso corpo. Assim o Desenho será como uma ferramenta, como uma porta para o traço rápido, para o traço sem pensar, para o traço inacabado (como afirmam os alunos), para o traço sem medo.

É frequente, nos alunos do Ensino Básico a resistência à desconstrução. Todo o caminho do aluno é para a construção. Construção do seu eu, construção do seu eu como pessoa e como aluno, permitindo poucas ou nenhuma vez momentos de desconstrução, momentos em que são experimentados novos caminhos. Considero esses momentos de grande importância para um abrir de janelas do pensamento e aqui estabeleço a relação dos alunos com o Desenho e a Colagem como experiência identitária. De uma maneira geral a Colagem tem mostrado o caminho para o Desenho. Pretendo demonstrar que o caminho inverso é possível e valioso, desenvolvendo nos alunos outras capacidades estruturantes. O Desenho, aqui, torna-se numa experiência capaz de demonstrar um caminho para a experiência da colagem. Depois dos exercícios de desenho rápido, o aluno encontra um esboço para o seu trabalho de colagem. Aí, a sua única e essencial “preocupação” é a escolha dos materiais e dos processos de colagem, ficando assim mais disponível para uma escolha identitária.

Todo este caminho será feito através do registo no Diário Gráfico de cada aluno, Diário Gráfico idealizado para este fim. Construído com o objetivo de que cada folha aberta fosse uma surpresa e um novo desafio, a construção do Diário Gráfico não pressupunha nenhum tamanho padrão, diversos tipos de papéis como papel manteiga, papel quadriculado, de máquina branco e colorido, papel kraft e até papel pautado. Estes, foram colados uns aos outros, de forma aleatória e posteriormente dobrados, em harmónica, sem uma medida padrão. Cada

caderno tinha uma dimensão própria e era normal ter uma folha em que metade era papel manteiga e a outra metade papel quadriculado. O Diário Gráfico foi desenvolvido no sentido de cada um ter um tamanho não padronizado, com suportes de diferentes gramagens e cores. Tendo como principal objetivo, numa primeira abordagem o demonstrar novamente caminhos alternativos e o desenhar sem pensar, sem padronizar, sem formatar dando liberdade ao aluno para utilizar o seu Diário Gráfico de forma individualizada, porque cada um é um indivíduo único e fantástico. O Diário Gráfico também introduz o aluno na empatia do desenho, no gostar de desenhar todos os dias e no registrar esses desenhos eternizando-os dentro de si.

No abordar de todos estes assuntos, é minha intenção estabelecer ligações e caminhos entre eles e o Ensino das Artes Visuais, tendo sempre em mente a importância que cada um deles tem no processo de autoconhecimento da cada indivíduo/aluno. Para tal apresento as teorias desenvolvidas pelo artista e pensador alemão Joseph Beuys que defendia que cada homem é um artista.

Para tentar fazer a ligação entre o Desenho como experiência para o caminho da Colagem apresentarei as teorias enunciadas pelo psicólogo e pedagogo americano John Dewey (1859-1952), pelo professor e diretor executivo do Ar.Co - Centro de Arte e Comunicação Visual, Manuel Castro Caldas (1954), e pelo crítico de arte brasileiro Mário Schenberg (1914-1990). Para a importância do Desenho como ferramenta do Ensino Artístico apresentarei as teorias do professor da Escola de Artes e Design nas Caldas da Rainha, Philip Cabau e do pintor e ilustrador britânico, Maurice de Sausmarez (1915-1969).

## **2.1. O Artista e a Sociedade**

A cada ano que passa sinto o aluno mais passivo e mais submisso relativamente a todas as tomadas de decisão. Tudo o que temos de decidir deixou de ser uma aventura passando a tornar-se num fardo individual ou coletivo. Parece que toda a sociedade se mudou para um frasco onde nos mantemos para não sermos incomodados nem incomodarmos ninguém. Dentro desse frasco vivemos um dia-a-dia em que os “sim” são frequentes e os “não” pouco aceites e pouco

construtivos. Os nossos jovens demonstram uma atitude apática tanto na vida pessoal como na vida escolar. Parece que tudo lhes é indiferente, fugindo das tomadas de decisão ou dos movimentos de associativismo estudantil com inércia. Hoje é difícil encontrar um jovem que conteste a opinião de um professor construindo um discurso válido e coerente nessa tomada de opinião. Como professora e mãe tenho como primeiro mandamento a abertura para a opinião de todos, prevalecendo sempre o diálogo e a aceitação das opiniões dos outros. Numa discussão sobre qualquer assunto não há lugar para o “porque sim” ou “porque não”. Desse ponto de vista considero ser essencial um “porquê” construtivo e ativo. Uma sala de aula deve florescer de opiniões e debates sobre diversos temas e se começarmos a dar esse espaço, os alunos vão debater e opinar sem medos ou indecisões.

Para Beuys (1972) todas as pessoas são muito difíceis de mobilizar. Continuamos a ter uma minoria de pessoas com as quais podemos realizar esta importante mobilização de imediato. Mas é urgente tornar esta minoria cada vez maior e trabalhar com todos, não esquecendo a grande tarefa de lutar por cada indivíduo.

*“Em geral, entre os jovens, parece perfilar-se a tendência a alienar-se de tudo o que seja e viver mais, mais intensamente. E isso quer dizer que temos de orientar a organização futura de todos os aspetos da vida do ser humano. No centro de qualquer perspectiva que se considere deve estar o ser humano, e não só as forças económicas, isoladas e por si mesmas, como sucede na atualidade.”*  
(Beuys, 1972, p.111)

Hoje, a “nossa” democracia exige mais de cada um de nós. Muito mais do que aquilo que estamos preparados para dar. É necessário que haja criatividade na nossa autodeterminação assumindo uma responsabilidade individual agora. Temos de participar, de cooperar, deixando de viver egoisticamente só para nós mesmos. Torna-se importante que os alunos sintam o gosto de viver como seres

humanos que não pensam egoisticamente, que experimentem existências que proporcionam viver para os outros.

*“Necessitamos de relações mais profundas com as forças do indivíduo e da sociedade. Vejo que há uma necessidade inevitável de ação.”* (Beuys, 1972, p.27)

Nesta educação materialista, perpetuada pela nossa sociedade, os nossos jovens deixaram de ter uma relação, mesmo que elementar, com a arte. Nos dias de hoje, nem sequer a relação mais natural é estabelecida entre o ser humano e a arte.

Segundo Beuys (1972) a produtividade técnica e a sociedade de consumo, à medida que fazem cada vez mais parte da nossa vida, amarfancam todo o potencial e sentido da arte. No decorrer desta minha viagem enriquecedora pelo Mestrado no Ensino das Artes Visuais foi-me cada vez mais clarificadora a necessidade de criar um ambiente propício a uma nova realidade dentro da sala de aula. Para mim, no meu percurso de estudante, a arte sempre me estruturou. Todas as aprendizagens e experiências vividas estruturaram a minha personalidade para o que sou hoje, com um papel ativo na sociedade, que não me limita a viver todos os dias mas cada dia me torna mais ativa e consciente de tudo o que ainda é necessário fazer e pelo que lutar, sendo que era importante trazer essa necessidade para a sala e para os alunos com quem trabalho. Para Beuys (1972) a criatividade não é exclusiva dos artistas sendo este conceito alargado de criatividade o seu conceito de arte. A arte aqui surge como totalidade da vida e perspectiva de que “cada homem é um artista” (Beuys - 1972) numa formação que integrasse a atividade artística como elemento essencial de qualquer programa curricular. Quando afirma que cada homem é um artista, quer dizer que todos podemos concentrar a nossa vida nessa perspectiva, podemos cultivar a “artisticidade” e determinar o conteúdo da vida tanto na pintura, como na música, na economia ou na engenharia. Sendo a “artisticidade” o quotidiano, acessível a todos, processo contínuo e obra aberta a todos os imaginários que na

participação, no debate e na ação solidária vão criando mudança de vida. Para Beuys (1979) a nossa ideia cultural é muitas vezes redutora. O nosso conceito de arte deve ser universal, com uma natureza interdisciplinar. Trata-se da possibilidade de toda a gente poder participar neste jogo de produzir e ao mesmo tempo usufruir da arte, transpondo essa barreira que separa o artista do não artista.

*“...a formação deveria orientar-se pelo ideal da arte. Pois na realidade só a arte é o meio para o desenvolvimento do homem.”* (Beuys, 1972, p.108)

Conforme afirma Beuys (1972), é necessária uma escola que exista para desenvolver as capacidades e as consciências. Ao desenvolvê-las, as crianças começam a reconhecer o aspeto que uma ordem social deve ter no futuro, aprendem um sentimento, sensibilidade e conhecimento sociais. É imperativo que o aluno seja ensinado a pensar e isto só será possível se o fizer através da arte.

*“Não tens de fazer o que desejas, mas o que é fruto de teu pensamento. Primeiro é preciso cultivar o pensamento. O pensamento tem de ser cultivado por todos...”* (Beuys, 1972, p.69)

*“(...) todo o conhecimento humano procede da arte. Toda a capacidade procede da capacidade artística do ser humano, ou seja, de ser ativo criativamente (...).”*(Beuys, 1972, p.119)

A forma como a arte é pensada por Beuys (1972) dirige-nos para o diálogo com o real, o real que existe fora das normas, dos conceitos e das correntes artísticas e de tudo o que se institui enquanto estética. O real que se nos depara na existência, na realidade do corpo, na sua energia e fluxo. Para este pensador

todos devemos avançar através da ação, pensamento e ação aprendendo a olhar para o pensamento em si mesmo, para a sua forma, força e proporções tal como o artista olha para a sua obra. Assim, caminharemos para um ser humano novo, um ser humano com capacidade de criar, de ser criador – uma criatura criadora. Beuys (1972) entende a arte como a única força revolucionária, colocando a arte e o sujeito na ação da vida. Acreditava, tal como Duchamp (1887-1968), que a única forma de atividade através da qual o homem se manifesta enquanto verdadeiro indivíduo é a arte, uma vez que a qualidade artística faz parte da natureza de cada um de nós.

*“ Por isso, há dez anos que advogo uma educação artística que se expresse não apenas numa aula de desenho ou pintura, mas que seja fundamentalmente artística através de todas as matérias.”* (Beuys, 1972, p.120)

Todo este trabalho que deve ser iniciado desde já por todos nós, principalmente profissionais da educação trará um futuro novo no qual os jovens se sintam mais intervenientes e ativos nas escolhas para a vida de cada um.

*“Cada ser humano aprenderá que isso – a responsabilidade – depende dele. E, no momento em que o reconhece, atuará em consequência. E simplesmente será um ser humano mais feliz (...) ele será mais feliz quando puder afirmar: a coisa mexe comigo. Sou membro de uma sociedade. Em qualquer lugar em que esteja, sou um membro necessário desta sociedade: na escola, na administração da justiça, no meu posto de trabalho (...) Então o indivíduo voltará a ser autónomo. Ver-se-á num conjunto de relações sociais e vencerá esse processo de alienação.”* (Beuys, 1972, p.129)

## **2.2 O Desenho Como Experiência**

O presente capítulo tem por objetivo enunciar as ideias que estruturam a forma como encaro o ensino do Desenho, em particular o ensino do Desenho como uma experiência. Uma experiência que se pretende única, integrante e que demonstre ao aluno que tudo funciona como uma unidade, o seu corpo, o instrumento com que desenha e o objeto, entenda-se objeto como aquilo que é desenhado.

A pertinência do Desenho e da sua prática tem acima de tudo, a ver com o estágio pedagógico e com tudo o que o Desenho representa para mim, na vida pessoal e profissional.

Com o Desenho, a minha relação sempre foi intimista. Desenho desde sempre e em qualquer lugar. Em mim o Desenho ocupa um lugar divino e intocável na sua essência. Ele é percepção, observação, experiência, terapia e momento único. Percepção porque acredito que o Desenho é a minha percepção da realidade. Observação pois é o lugar onde observo o que me rodeia, quem me rodeia, todos os pormenores, formas e texturas que fazem parte do meu quotidiano. Experiência porque ao desenhar atravesso um caminho integrante onde cada parte que sucede flui livremente. Terapia porque é onde tenho a minha experiência de fluxo que Daniel Goleman (1946 - ), psicólogo americano, menciona no seu livro “Inteligência Emocional” de 1995. Este fluxo, bem como os seus estados positivos, também mencionado por Howard Gardner, psicólogo em Harvard e teórico das inteligências múltiplas, é considerado como a maneira mais saudável de ensinar as crianças. Desta forma são motivadas a partir do interior e não através de ameaças ou promessas de recompensa. Torna-se assim essencial que em prática pedagógica se transmita todo este potencial que o Desenho pode ter em cada um de nós. No interior de cada Desenho está sempre escondido um conjunto de movimentos através dos quais ele foi realizado. A cada Desenho que fazemos a nossa percepção da realidade é aguçada. Ele educa e estrutura. Educa o olhar, estrutura a capacidade de concentração. De cada vez que desenhamos juntamos mais um grão ao pote referente à nossa percepção visual e segundo Manuel Castro Caldas (1954) ultrapassamos as regras de tradução que já conhecemos.

Devemos olhar para o Desenho não para o que vem a seguir ou o que vem no futuro mas sim para o que aconteceu antes dele, os mecanismos utilizados durante a sua produção, quais os caminhos até ele, donde surgem, “*certamente o mistério do desejo e dos insondáveis caminhos de uma verdade*”. (Castro Caldas, 2008, p.146)

“ (...) *o desenho é confeitaria, mas não há bolo: tudo se passa aquém da imagem.*” (Castro Caldas, 2008, p.149)

No desenho, o pensamento visual não é deduzido – ele é o grosso do assunto.

“ *O que entrevemos no desenho é o funcionamento do mecanismo, do nosso mecanismo, enquanto ele pensa, isto é, enquanto ele transforma o já atualizado – reatualizando-o a partir de um fundo potencial, virtual.*” (Castro Caldas, 2008,p.146)

Hoje, não entendo o Desenho somente como acadêmico, não é só traço limpo e/ou representação da realidade de forma pictórica e é urgente cortar com esta ideia pré concebida de que o Desenho é só isto. Desenho é sobretudo traço de antes, de depois e de entretanto; traço que mancha e apaga; traço que rasga e acrescenta; traço qualquer que se junta a outro traço qualquer. O Desenho contemporâneo, segundo Manuel Castro Caldas pressupõe este mar de mestiçagem.

O Desenho, no seu todo deve ser tomado como uma atitude de espírito, e não como um método. Encarado como uma forma de investigação de todas as manchas, todos os traços e estruturas produzidas pelos materiais e suportes escolhidos para o efeito, mas sobretudo como uma pesquisa das fontes e termos de expressão e das reações pessoais ao mundo que rodeia cada um de nós.

Quando desenhamos, e segundo Maurice de Sausmarez (1915-1969), pintor e ilustrador britânico, não encontramos um fim em si mas um meio de tornar o indivíduo mais consciente dos recursos expressivos que tem ao seu dispor. O Desenho encoraja-nos numa constante curiosidade pelos fenómenos, grandes e pequenos sobre qualquer suporte, pelo mundo exterior e interior da visão, das reações pessoais e das preferências.

No caso do Desenho é urgente que seja cultivado sabendo de antemão que possa depender em grande parte de uma sensibilidade e capacidades iniciais para uma experiência profunda. É neste sentido que o Desenho se enquadra no que John Dewey (1859-1952) descrevia como uma experiência. A experiência, história com princípio e movimento próprio dirigido até ao seu término, cada uma com o seu próprio e particular movimento rítmico, cada uma com as suas próprias qualidades irrepetíveis de que está impregnada. O Desenho é um veículo para esta experiência descrita por Dewey.

Acredito que com as condições favoráveis, cada indivíduo, quando desenha, é como que transportado para um estado de êxtase, como se não existíssemos, como se todo o nosso corpo funcionasse independentemente de nós. Quando menciono condições favoráveis refiro-me a um ambiente favorável à aprendizagem, à concentração, à experimentação, onde todos os indivíduos estão dispostos a serem mais, a serem melhor. Um ambiente onde a palavra “erro” só entra para servir a aprendizagem e o medo é encarado por cada um como fazendo parte de nós somente como um sentimento e não como algo que nos retenha, dando à tarefa uma atenção indivisa. Quando o ato de desenhar é uma experiência em si mesmo, cada parte que sucede flui livremente.

*“En tales experiencias cada parte sucessiva fluye libremente sin juntas ni vacíos hacia las partes que las continúan. Al mismo tiempo, no se sacrifica la identidad propia de las partes. (...) El todo que está en marcha se diversifica en fases sucesivas que hacen ressaltar sus variados colores.”* (John Dewey, 1934, p.42)

Quando, ao desenharmos, temos uma experiência, na causa da sua contínua confluência não existem ecos nem juntas mecânicas, nem pontos mortos. Ela é uma unidade e é essa unidade que lhe dá nome. Qualquer indivíduo devia abstrair-se das suas preocupações e deixar-se ser atraído por experiências integrantes e que intrinsecamente valham a pena. Segundo Dewey, sem estas experiências nunca conheceremos o que é realmente pensar.

Numa experiência efetiva e integrante artístico-estética, como é o caso do Desenho, a relação é tão próxima que controla simultaneamente o ato e a percepção. Esta intimidade vital de conexão não se consegue alcançar se estiverem somente comprometidos a mão e o olho. Todo o nosso ser deve atuar como único e como um só órgão, tal como fazemos quando andamos ou comemos. Para a experiência estética a mão e o olho atuam como meros instrumentos através dos quais irá operar todo o nosso corpo, ativamente e em movimento.

*“Cuando ambos na actúan como órganos de todo el ser, no hay sino una secuencia mecânica del sentido y del movimiento, como al caminar automáticamente. Cuando la experiencia es estética, la mano y el ojo sólo son instrumentos a través de los cuales opera toda la criatura viviente, totalmente activa y en movimiento. (...) Toda obra de arte sigue el plan y el modelo de una experiencia completa, haciéndola sentir más intensa y concentradamente.”*

(Jonh Dewey, 1934. p.58)

## **2.3. O Desenho e a Colagem no Ensino das Artes Visuais**

### **2.3.1. Do Desenho**

Como venho descrevendo nos capítulos anteriores, acredito que o Desenho tem em si mesmo um potencial importante para cada um de nós. Podemos inserir aqui o Desenho somente pelas suas capacidades como instrumento e procedimento eficaz no autoconhecimento e no conhecimento de tudo o que nos rodeia. Mas não nos podemos deter unicamente nestes aspetos acima referidos. Ele adquire

também um papel predominante no processo criativo de qualquer produto, seja de uma imagem ou de um objeto tridimensional. Ao caminharmos pelas nossas ruas tudo o que vemos, antes do seu fabrico, foi desenhado. O Desenho fez parte do seu processo de fabrico, e, como afirma Philip Cabau (2012) define, comunica e orienta as ligações da cadeia produtiva. Contudo estas são as funcionalidades mais visíveis do Desenho. Se tantos profissionais, como os designers ou os arquitetos recorrem ao Desenho considerando-o tão fundamental para o seu processo criativo é porque ele deve proporcionar o acesso a procedimentos que, não havendo o acesso ao Desenho, seriam mais difíceis ou menos prováveis de acontecerem. Isto ocorre também porque de todos os meios de comunicação, o Desenho é aquele que pode acontecer com um número mínimo de interferências do exterior.

Quando desenhamos não estamos só a apresentar as coisas, os objetos e as relações entre eles. Estamos a representar, a figurar, a esquematizar, a conceptualizar, a construir e a organizar uma cartografia sobre essas coisas e esses objetos e todas as relações entre eles. Assim sendo, o Desenho é, essencialmente, um utensílio em aberto.

*“Os modos de uso do desenho e as possibilidades de combinação entre eles são tantos que se pode dizer que o desenho é, enquanto instrumento de invenção, um meio sem grandes constrangimentos. Ele admite a fragmentação, a mudança súbita de registo, a mistura com outras formas de procura; permite atalhos e descontinuidades, novas associações, antecipadas ou não. É, por um lado, um fluxo livre sujeito a um jogo controlado, mas é também, por outro, uma grelha com contornos bem definidos, mas sempre sob permanente ameaça de rutura. O desenho é, enfim, simultaneamente um espaço sofisticadamente controlado e um refúgio profícuo e sem censura.”* (Philip Cabau, 2011, p.12)

Tudo o que Philip Cabau menciona acerca do Desenho torna-se essencial na medida em que tudo o que é descrito leva ao pensamento, à reflexão. Urge o

aluno pensante e o Desenho é em si um caminho, senão o caminho. Como afirma Manuel Castro Caldas, o fascinante no Desenho, sobretudo para os que o praticam de forma tão especial, é efetivamente o pensar sem uma correspondência visual possível, que nos coloca em relação com o invisível, com o possível, com o virtual e ao mesmo tempo com o mental, o intelectual e o teórico desta maneira tão drástica. Ao desenharmos unimos pontos invisíveis, obliterando, deformando, torcendo e passando por cima do que já ali está, da página que para nós está em branco mas sempre cheia.

*“No desenho, a meu ver, estamos perto do nível do problema, da problematização. No desenho há, por assim dizer, menos distrações. Tudo é mais claro, mas tudo é também mais económico e, por via dessa economia mesmo, podem entrever-se mais possibilidades, mais coisas em estado potencial, como numa espécie de gráfico do pensamento plástico, qualquer coisa que nos falta dos territórios onde ocorre a génese da forma, territórios que não são propriamente nem interiores nem exteriores – na verdade são mecanismos de ligação operando conexões.”* (Castro Caldas, 2008, p.18)

Quando Manuel Castro Caldas refere que no Desenho tudo é mais económico é porque o Desenho consegue por si só transportar-nos para um pensamento/ação mais económicos na sua essência, tornando assim o Desenho, numa ferramenta imprescindível para o pensamento artístico. Se entendermos o pensamento artístico como algo que se desenvolve através de um processo de busca interior, do nosso autoconhecimento e do conhecimento do exterior e de tudo aquilo que circula à nossa volta, então o Desenho pelas suas capacidades de envolver, de concentrar, de fazer observar e pelas suas características identitárias para com aquele que desenhou torna-se, como já referi, numa ferramenta essencial para o Ensino das Artes Visuais.

Para Le Corbusier (1887–1965), arquiteto suíço-francês do século XX, mencionado aqui através da obra, *O Dispositivo Desenho* de Philip Cabau, de 2012, o Desenho desempenha funções precisas e imprescindíveis. Ainda segundo o mesmo arquiteto, só o Desenho permite que no desenrolar de um trabalho criativo se realizem determinado tipo de operações de percepção tornando-o numa ferramenta essencial do projeto em si. O Desenho, para Le Corbusier é uma maneira de ver, um método para fixar a realidade, um instrumento de análise permitindo a compreensão e a inclusão nessa realidade consistindo numa ferramenta imprescindível desse empreendimento. Torna-se assim, o meio de comunicação mais eficaz e direto, sintético e universal, através do qual se consegue formular a intenção traduzindo a ideia primeira.

*“O desenho é enfim, para Le Corbusier, um modo de aceder aos segredos da forma, uma lição continuada das razões que formam os objetos e uma produção de modelos de entretenimento do mundo visível. Veloz, diagramático, sintético e, conseqüentemente, essencial, promove a economia intuitiva e favorece os dispositivos da invenção. Neste sentido, o desenho alcança, como instrumento de aprendizagem, lugares que estão vedados a outros processos da visão, estruturalmente mecânicos, que introduzem fatores de mediação que impedem ou, pelo menos, dificultam esta agilidade.”* (Philip Cabau, 2011, p.60)

Tal como acontece com outras artes como a música ou a poesia, o Desenho consegue, utilizando meios extremamente económicos, produzir trabalhos expressivamente ricos e complexos.

Ao vivermos este período de deslumbramento pelas tecnologias de ponta sempre atualizadas e de última geração dando uma noção constante de que tudo tem de ser lúdico e de efeitos espetaculares, estamos a deixar de lado o Desenho e a sua prática. O Desenho, nesta situação, até acaba por causar repúdio por ser ao mesmo tempo, algo excessivamente fácil e difícil. Desenvolver e treinar o olhar

para apreciar e determinar as relações é uma necessidade básica. É pelo Desenho que se revela o carácter de qualquer forma.

É então real esta preocupação de Philip Cabau no sentido de acautelarmos a existência de um território conscientemente assente sobre uma prática experimental, pedagogicamente orientada do Desenho. Em poucos anos todas estas práticas, acima referidas e assentes numa facilidade demagógica poderão forjar uma nova geração que, contrariamente às anteriores, não vai conhecer a permanência, a perseverança e a disciplina, fundamentos essenciais para um trabalho consistente e capaz de uma continuidade sustentada. Perante esta urgência, meio caricata, do carácter renovador das ferramentas informáticas, esta nova geração pode ficar impossibilitada de convocar esse património das experiências do corpo criador que garante a singularidade, a resistência e a autoria.

Neste existir de resistência, o Desenho pelas suas características de economia de meios, adaptabilidade, co-relação com os diversos meios de produção plástica, capacidade de exploração experimental, e pelo seu vasto ângulo de usos é uma ferramenta privilegiada e um instrumento fundamental para o exercício da arte. No Desenho não existem formas de representação definitivas. Podemos e devemos aceitar técnicas e propostas de experimentação sugeridas para tal, mesmo que depois sejam abandonadas ou reinventadas à nossa própria imagem. É aqui, nesta capacidade de renovação reiterada que o Desenho se revela como a mais rica, maleável e pessoal forma de exercício de si.

O Desenho, sobretudo o Desenho por observação ensina o aluno a ver com maior intensidade o objeto alvo. Este ensinamento aumenta a densidade do presente, propaga o momento entre o ver e o nomear, propagando também o ato de perceber, adiando assim a nomeação e a categorização. Desenhar implica um aumento da capacidade de ver tornando o indivíduo mais observador e mais sensível à percepção visual. O indivíduo passa a ver todo o mundo que o rodeia de forma diferente, aumentando a sua autoestima. Segundo Rudolf Arnheim (1904-2007), psicólogo alemão, (1969) o Desenho que ensina a ver é uma ferramenta para o pensamento visual, auxiliando na formulação de soluções, possibilitando a integração e a consciencialização do todo e o estabelecer das relações entre as

partes. Este autor refere que existem outras formas de apreender o mundo como por exemplo a visão. No entanto, estamos tão focados na linguagem que nos ajuda a nomear o que é ouvido, visto ou pensado, que acabamos por abusar dela paralisando por vezes na resolução de problemas através de uma criação meramente intuitiva. A representação visual de conceitos ajuda-nos a pensar e a ligar ideias para o mundo real.

### **2.3.2. Da Colagem**

A Colagem foi desenvolvida por Georges Braque (1882-1963) e Pablo Picasso (1881-1973) por volta de 1911, no final da segunda fase do Cubismo, dita analítica. Considerada, por muitos autores, como um dos achados mais relevantes da arte moderna e como um elemento central do Cubismo, a sua origem remonta à época da invenção do papel, na China do século II. As folhas de papel já permitiam o recorte e, logo, a ligação entre elas, transformando esse conjunto num instrumento de criação. As colagens mais antigas que ainda se conservam são manuscritos japoneses do século XII, nos quais cada página é constituída por diversas tiras de papel de cores que eram justapostas e onde se escreviam textos.

Os anos de 1912 e 1913, para Braque e Picasso, foram anos de produção de uma série de colagens que levantaram várias perguntas sobre o estatuto do objeto de arte, uma vez que nas pinturas estavam agora elementos retirados da realidade, do quotidiano – pedaços de jornal e papéis de todo o tipo, bem como tecidos, madeira e outros objetos. Estes materiais, ao serem parte integrante de um quadro, foram frequentemente associados a uma cultura de massas na arte, uma vez que a Colagem concretizada por Picasso e Braque introduzira uma nova dimensão para a utilização de materiais do quotidiano comum. Pablo Picasso, mencionado aqui por David Walsh (2003), refere que:

*“The purpose of the papier colle was to give the idea that different textures can enter into composition to become the reality in the painting that competes with the reality in nature. We tried to get rid of tromp l’oeil to find a tromp l’esprit. We didn’t any longer want to fool the eye; we wanted to fool the mind. The sheet of newspaper was never used in order to make a newspaper. It was used to become a bottle or something like that. It was never used literally but always as an element displaced from its habitual meaning into another meaning to produce a shock between the usual definition at the point of departure and its new definition at the point of arrival. If a newspaper can become a bottle, that gives us something to think about in connection with both newspapers and bottles, too. This displaced object has entered a universe for which it was not made and where it retails, in a measure, its strangeness. And this strangeness was what we wanted to make people think about because we were quite aware that our world was becoming very strange and not exactly reassuring.”*

Na história das Artes Visuais, a Colagem é considerada como linguagem artística e/ou expressão visual a partir do Cubismo, sendo vista a partir dessa altura como um novo meio de linguagem plástica e/ou implementação da criação artística.

Num dos seus ensaios, Luiz Renato Martins, professor do Departamento de Artes Plásticas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo refere que para Clement Greenberg (1909-1994), crítico de arte americano, na Colagem, é primordial a importância dada à decomposição dos planos. Os planos constituem, eles mesmo, objetos suscetíveis de serem parcialmente recobertos sem se anularem. É a distinção viva da heterogeneidade das partes que caracteriza a Colagem. O espectador antes de ver o todo da imagem tem ao alcance da sua mão um pedaço da matéria. A técnica da Colagem como entidade plástica, adquire a força de atrair e integrar fragmentos da realidade externa permanecendo como uma das técnicas fundamentais da arte moderna.

Podemos admitir que a Colagem é a montagem como articulação entre elementos descontínuos tal como uma relação entre as partes de uma engrenagem. Opera

com o que encontra, incorpora o que está ao alcance das mãos aparentando-se aos ready-made do artista francês, Marcel Duchamp (1990).

A Colagem, forma de arte e técnica associada com a arte do século XX, que incorpora materiais e objetos já existentes como parte integrante de uma superfície bidimensional foi utilizada de forma ocasional por artistas anteriores a esta época e amplamente utilizada de forma informal, servindo geralmente como uma correlação com o ritmo e a descontinuidade do mundo moderno, Colagem feita a partir de resíduos apanhados nas ruas e em parques é também uma característica da obra do pintor e escultor alemão Kurt Schwitters (1887-1948), vendo nestes resíduos a criação de uma nova beleza associada às ruínas da cultura alemã. Da mesma forma que realizava as suas colagens, começou a compor poesia a partir de trechos de conversas ouvidas por acaso e frases derivadas aleatoriamente de jornais e revistas. A este movimento, o artista chamou “Mertz” (1919), palavra derivada de um fragmento da palavra Kommerzbank e que significava, segundo o próprio, a combinação, para fins artísticos, de todos os materiais imagináveis. Para ele, a lã, a teia de arame, a corda ou o algodão tinham direitos iguais aos da tinta. Nas suas colagens incorporava frequentemente revistas americanas e imagens comerciais em conjunto com as imagens dos grandes mestres. Kurt Schwitters utilizou a forma extensivamente a partir de materiais descartados e encontrados nas ruas.

Para Maurice de Sausmarez (1915-1969), pintor e ilustrador britânico, a Colagem é um meio de despoletar nos materiais relações e qualidades inesperadas, colocando-os num contexto completamente novo. Bilhete de comboio, rótulos de maços de cigarros, e tudo o que o mundo demasiado atarefado deita fora considerando lixo, é transformado pelo artista que utiliza a Colagem, mediante a sua justaposição em obras de rara beleza. Este processo de transmutação confere novas intensidades e novas matrizes de significado.

O crítico de arte brasileiro, Mário Schenberg (1914-1990) considera que a Colagem permite a qualquer pessoa tornar-se um homem criador, fugindo assim à terrível possibilidade eminente de massificação. Por outro lado, e para os mais dotados, também permite formas extremamente subtis e elevadas de criação artística. Tal acontece porque na Colagem são utilizadas tanto as propriedades

físicas dos materiais e dos objetos nela empregues, como a carga humana e social desses mesmos materiais, numa combinação de elementos de expressão artística. Outro aspeto interessante é a possibilidade de incluir outras obras de arte, pedaços ou pormenores das mesmas como elementos constitutivos de uma Colagem, transformando de forma profunda o seu sentido anterior. Para Mário Schenberg a Colagem torna-se mágica quando a natureza e vida social se interligam e são transformadas em objetos de arte.

*“A colagem é mais naturalmente ligada à arte mágica do que outras modalidades artísticas correntes, porque na colagem objetos da natureza e da vida social são transformados em elementos de um plano ontológico diferente que é o da Arte.”*  
(Mário Schenberg, 1982)

### **2.3.3. O Desenho e a Colagem no Ensino das Artes Visuais**

Antes de abordar propriamente a importância do Desenho ou da Colagem no Ensino das Artes Visuais urge mencionar todos os benefícios de que um indivíduo pode usufruir com o Ensino das Artes Visuais e o Ensino através da Arte.

Considero uma das finalidades da educação de sempre, mas sobretudo de hoje, a preservação do património cultural e memorial, sabendo de antemão que a arte faz parte desse património que é de todos e de cada um de nós em particular. Quando aprendemos através da arte, conhecemos e percebemos o mundo de uma forma diferente. Os alunos, ao desenvolverem competências ligadas à sensibilidade individual e, neste caso, estética, tornam-se capazes de expressar os seus sentimentos e ideias, compreendendo assim as relações entre as partes e o todo. Aprendem melhor as modificações do mundo físico e cultural, experimentando sentimentos de afetividade, ampliando assim o seu pensamento reflexivo. O reconhecimento das artes como uma forma de questionamento crítico-cultural, pode levar à tomada de decisões morais, políticas, pessoais e

outras. Tornam-se agentes ativos na sala de aula, na escola, na sua comunidade e na sociedade em geral.

O Ensino das Artes, e neste caso das Artes Visuais vem impulsionar mudanças e ao mesmo tempo resguarda e medeia o conhecimento. Para que o passado seja encarado como valioso e significativo relativamente ao património cultural, aos alunos é preciso romper com concepções elitistas, inserindo uma reflexão crítica e questionando toda a forma de pensamento único. Todas as ações artísticas não são nem inocentes nem objetivas, mas sim questionadoras da realidade. Nelas veiculam diferentes visões e percepções do mundo. Quando elaboram um trabalho artístico, os alunos manifestam a sua experiência e o que está ativo na sua mente nesse momento. Nestes trabalhos vão fornecendo registos do que é significativo para eles, exteriorizando os seus conflitos, emoções e tantos outros sentimentos de uma maneira muito própria. No entanto, a variação do potencial criador do aluno dependerá das oportunidades que terão em expressá-lo e do estímulo oferecido pelo contexto onde está inserido. Relativamente a este contexto ideal para o desenvolver do potencial criador do aluno regressarei ao mesmo mais à frente.

O Ensino das Artes Visuais contribui para que os alunos se tornem ética e intelectualmente livres para pensar e expressar-se, ajuda no desenvolvimento da autonomia, levando-os a agir de forma identitária e independente.

Para que todas estas mudanças maravilhosas vão acontecendo no aluno, o contexto onde estas mudanças devem acontecer tem de ser o ideal. Segundo Philip Cabau, este contexto deve depender de estratégias pedagógicas, com objetivos bem delimitados apelando a dispositivos instrucionais e experimentais que decorrem num meio pedagógico concreto. Apesar de aparentemente marginais ou menores, tanto a natureza destes dispositivos como as especificidades que configuram o meio pedagógico são indispensáveis para uma prática do Ensino das Artes Visuais bem-sucedida. (Philip Cabau, 2011)

A formação artística atua em termos pedagógicos assente numa experiência prática. No início é comum a um grupo de alunos, mas no decorrer da experiência ou atividade vai-se tornando mais notória nas diferenças da experiência para cada aluno. As condições para essa atividade têm de se criar acompanhando o modo

como essa experiência se traduz em resultados, resultados esses que se vão somando, de modo errático ou consistente e com cada aluno a um ritmo que, hoje em dia, é muito variável. Em todo este acompanhamento o professor, no Ensino das Artes Visuais, tem de, constantemente, observar posturas, atitudes, interesses ou desinteresses por isto ou por aquilo e capacidades por esta razão ou por outra. Tudo é feito de modo muito intuitivo observando-se, aventando-se hipóteses operacionais, provisórias ou não, tentando sempre compreender quando e como intervir, que obstáculos avançar de forma teórica ou prática. Em qualquer situação de ensino, mas sobretudo no Ensino das Artes Visuais, segundo Manuel Castro Caldas, estamos num espaço protegido, laboratorial, onde devemos dar-nos ao luxo do experimental através de uma vasta gama de procedimentos, atitudes e de representação de papéis para, tentar levar, neste caso os alunos, o mais longe possível. Levá-los a descobrir os limites das suas capacidades, a abandonar ideias feitas, inseguranças, medos básicos no sentido do desenvolvimento de uma fluidez. O Ensino das Artes Visuais é essencial para produzir algo que os alunos levarão consigo, como que uma “segunda voz”, cuja construção continua para além dos limites daquele horário diário letivo, ou aquele período formativo estrito. (Castro Caldas, 2008)

A arte, sobretudo neste contexto de ensino, obriga a reconverter, a abandonar o que já somos e o lugar onde estamos para assim caminharmos. Segundo Manuel Castro Caldas é sabido que a formação artística é altamente terapêutica, ajudando não a curar mas a reposicionar o indivíduo do ponto de vista emocional, ou como afirmam alguns pensadores contemporâneos, a “re-centrar” o indivíduo. Para que tal encontro interior com o indivíduo aconteça, embora, não havendo um conjunto de conhecimentos teóricos indiscutivelmente necessário sem o qual a prática artística seria impossível, ou sem o qual não poderia emergir a qualidade, é essencial o treino, a prática e um acompanhamento destes com um discurso ilustrativo, problematizante, informativo e questionante. O Desenho é uma ferramenta de pensamento artístico sobretudo se enquadrado numa prática pedagógica.

Dentro deste contexto da importância cabal do Ensino das Artes Visuais foi meu objetivo central esta discussão no caminho prático e efetivo que pode acontecer

do Desenho para a Colagem. Este percurso é feito habitualmente ao contrário, isto porque a Colagem se apresenta como um meio facilitador do Desenho. No entanto, com exercícios experimentais de objetivos muito claros no que concerne ao caminho a seguir, é possível a viagem começar no Desenho e acabar numa Colagem. No conjunto de exercícios que selecionei, na sua maioria, o aluno constrói a realidade visível e a percebida, compreendendo e estabelecendo relações entre ele e o objeto desenhado, aprofundando o seu conhecimento pelo objeto e por si mesmo. Estes exercícios foram selecionados com o intuito de, sem se aperceberem, os alunos esboçarem diversas propostas para a elaboração da capa de CD. Nos enunciados dos exercícios e na seleção das imagens esteve sempre presente o Desenho da forma, as formas sobrepostas mas desenhadas com transparências, a transformação das formas e a simplificação das formas; essenciais para o desenvolvimento do trabalho de Colagem.

*“Das múltiplas funções que o desenho hoje desempenha enquanto ferramenta privilegiada integrada nos processos criativos, uma de entre elas adquiriu uma preponderância bem em sintonia com a experiência contemporânea: a sua eficácia na comunicação do trabalho. No interior dos procedimentos de comunicação que o desenho tem a capacidade de promover podem identificar-se duas esferas. (...) Comunicar pelo desenho com o outro e comunicar no interior do processo de desenho.”* (Philip Cabau, 2012)

Segundo Philip Cabau, só quando o ensino do Desenho é observado no contexto de uma sala de aula de Desenho se podem compreender os dispositivos capazes de ativar o acesso de um aluno à sua natureza enquanto mecanismo de pensamento visual e aceder a essa capacidade que o Desenho possui enquanto instrumento explosivo na invenção e resolução de problemas plásticos.

Reconhecido hoje como um utensílio pedagógico fundamental no Ensino das Artes Visuais é considerado imprescindível o domínio da sua prática na formação de qualquer aluno. Contudo, nesta prática pedagógica cotidiana do Desenho existe um painel de articulações entre conteúdos e estratégias com uma determinada pedagogia como procedimento concreto e experimental e que é determinado por processos de natureza prática que resultam em exercícios de Desenho. O acervo dos conteúdos, por muito excelente e/ou adequado que seja, de pouco serve se não for assistido por uma estratégia precisa.

Conforme a experiência de pensamento sobre a prática e as funções do Desenho do arquiteto Le Corbusier, essenciais para entender o Desenho num contexto formativo contemporâneo, Philip Cabau distingue três premissas distintas: o Desenho desempenha um papel crucial no conhecimento da complexidade do mundo visível e uma função didática não partilhada por outra forma de conhecimento; a prática do Desenho promove a aquisição das formas efetuando um processo de compreensão do espaço entre o ver e o fazer; o processo de aprendizagem do Desenho é uma prática de instância individual e que até certo ponto, é solitária e secreta. (Philip Cabau, 2012,p.66)

Num plano curricular, que com cada reforma curricular, tem uma determinada duração, apenas cabe um determinado número de conteúdos independentemente do tempo letivo disponível. No caso da aprendizagem do Desenho o terreno já está muito infértil. Hoje o ratio professor aluno, que resulta do número excessivo de alunos por turma, dificulta um acompanhamento eficaz do trabalho do aluno, levando a uma fragmentação do percurso escolar. Esta fragmentação também resulta de uma falta de promoção para um acompanhamento mais demorado com a capacidade de gerar a partilha. Desta forma, torna-se essencial que o Desenho, em contexto educativo, seja primeiramente apresentado como uma experiência e encarado pelos alunos com um sentimento de pertença para que então a sua aprendizagem possa implicar uma continuidade, persistência e duração. Estas três últimas características essenciais para a aprendizagem do Desenho são avessas à impaciência contemporânea. Hoje, os alunos não se retêm numa atividade que exija esforço e perseverança. No início, tudo tem de ser rápido, tanto o processo como o produto final. Existe uma urgência em tudo o que fazem

e só nessa urgência em tudo, o professor consegue captar as suas atenções e motivações. Mais tarde, com o grupo motivado e com o sentimento de pertença ao lugar, ao professor e à atividade é possível, áquele, desenvolver com eles a continuidade, a persistência e a duração que são motores para a aprendizagem do Desenho com particularidades, especificamente oficinais.

Acredito que o que referi acima é uma das estratégias talvez a que considero mais profícua para que a realidade anteriormente referida não se traduza no empobrecimento dos conteúdos ministrados e, particularmente, na profundidade e proficiência das experimentações que decorrem no ambiente escolar dos nossos dias.

Sabendo de antemão que a aplicação prática de todos os exercícios de Desenho desenvolvidos, seria realizada através da Colagem, e toda a atividade desenvolvida mediante a memória coletiva da “Revolução de abril”, tornou-se essencial estabelecer a importância da identidade social do indivíduo, identidade social essa caracterizada, de uma forma geral, por um conjunto de vinculações que o indivíduo possui no sistema social onde está inserido. Para além da identidade social há também a cultural – uma categorização de distinções entre indivíduos, baseada na diferença cultural, o meio envolvente, o percurso de vida, as oportunidades e as experiências vividas que influenciam diretamente nas escolhas e nos gostos particulares.

A Colagem, através do ato de recortar e colar, auxilia nessa visão e reflexão identitária, uma vez que o indivíduo está a exercer, de forma artística, a sua identidade. Com tesoura, cola e papel é possível fazer composições com figuras de diferentes contextos que transmitem a identidade cultural e social do seu autor bem como dos seus gostos. Este procedimento que passa a contextualizar aquela figura ou figuras numa nova composição, criando um novo contexto que inicialmente parecia impossível, torna o seu trabalho interessante e expressivo da sua identidade pessoal.

Em contexto educativo, a criação é mediada pelo docente, dependendo em primeiro lugar, do estímulo que o professor faz surgir no discente. Esse, estimulado e comprometido, é capaz de ser influenciado pela sua produção estética quando percebe que esta necessita de um pensamento que implique a

escolha daquilo que faz e assumir a responsabilidade pelo resultado das suas escolhas.

Na atitude de escolha, colagem e recorte dos materiais de cada aluno é possível apreender os aspectos identitários, pois neste processo de colagem há diversos motivos que o levaram a escolher aquela figura e não outra, aquele papel e não outro, a sua maneira de recortar, de colar e a forma como interagem todos estes elementos neste novo contexto que é o suporte para a Colagem. Mesmo que todo este projeto seja pré-estabelecido e mediado pelo professor, estratégia que a meu ver é a mais profícua, o aluno passa por um processo de formação, no qual ele forma o significado. Neste processo, o estímulo à experimentação deve estar sempre presente, perceber que é possível errar, testando várias possibilidades, selecionando-as de tal forma que o seu procedimento influencie na sua capacidade de sintetizar e pensar criativamente.

Num momento onde o adquirir materiais novos ou diferentes se torna, nas escolas públicas quase impossível e no seio de cada família cada vez mais difícil, os recortes, fragmentos ou objetos previamente escolhidos, seja através de um método lúdico ou de uma atitude aleatória, e que na Colagem se ajustam de forma que implique o mínimo de capacidade técnica ou de simples condições mecânicas, favorece grandemente a sua aplicação como recurso pedagógico. O aluno, ao trabalhar numa Colagem apropria-se automaticamente de imagens e, ao inseri-las num novo contexto, criando novas composições, que antes não eram possíveis se não fosse o seu deslocamento. Com esta apropriação de formas, conceitos, figuras e imagens, o aluno demonstra a sua percepção e sensibilidade de conseguir criar certos contextos, além de, ao mesmo tempo demonstrar a sua identidade na sua produção, por partir, ao criar, de escolhas pessoais.

#### **2.4. Do Diário Gráfico como Suporte**

Este capítulo encerra todas as razões pelas quais considero indispensável a utilização do Diário Gráfico no contexto da sala de aula. Podemos dar-lhe vários nomes – caderno de desenhos, caderno de viagem, diário de viagem, no entanto

e no contexto educativo prefiro chamá-lo Diário Gráfico. O Diário Gráfico, como o próprio nome indica, deve ser utilizado diariamente. Nele devemos desenhar todos os dias mas podemos também utilizá-lo para escrever poemas, pensamentos ou ideias, colar, recolar bilhetes de cinema, de espetáculos ou de concertos que nos tenham, por uma razão ou por outra marcado profundamente, experimentar novas abordagens a um tema já desenhado, questionar e voltar a questionar sobre um qualquer assunto ou ideia. A forma como abordamos o nosso Diário Gráfico é muito diversificada e depende da utilização que cada um fará e o compromisso estabelecido na primeira página do mesmo.

O desenho no Diário Gráfico é, de forma geral, um desenho rápido que faz parte de um momento. Este desenho que é feito de forma célere, nem sempre é imenso de qualidade mas está repleto de cheiros, cores, sons, vivência – ele é a experiência em si. A experiência que tivemos aquando do seu processo de realização, tal como afirma Eduardo Salavisa.

*“Os desenhos feitos no diário gráfico, sobretudo os feitos em viagem, não valem pela sua qualidade mas por aquele momento, pela experiência vivida. (...) É o regresso ao básico, ao suporte e ao instrumento essenciais.”* (Salavisa, 2008)

Uma vez que a prática do Desenho no contexto da minha prática letiva se insere no Desenho como experiência, considero fundamental a utilização do Diário Gráfico como suporte e arrumo destas experiências.

Para Rita Cortez Pinto, colaboradora no blogue de Eduardo Salavisa, os desenhos nos cadernos são parte do processo de trabalho que mais se articula com o pensar do Desenho. Em sequência deste fazer nascem outros trabalhos, de formatos e naturezas diferentes. Mas estes desenhos ficam sempre independentes e funcionam como um lugar onde se regressa. Da mesma forma, o Diário Gráfico para Miguel Herranz, colaborador no blogue de Eduardo Salavisa, é um monte de papel encadernado dentro do saco é um olho para ver para fora,

uma boca para falar, uma porta para fugir, mas também para voltar e olhar para dentro.

O Diário Gráfico para além de se apresentar como um suporte para o ensino do Desenho, é importante que seja um veículo de transmissão para o gosto de desenhar. Para termos vontade de desenhar muito e cada vez melhor. Para Eduardo Salavisa, o uso diário do nosso caderno de desenhos torna-nos desenhadores compulsivos, ficamos seduzidos pelo observar das coisas, das pessoas, dos lugares e registamos por meio do desenho, da escrita ou de outra forma qualquer, uma impressão.

Um caderno e uma esferográfica são suficientes para que uma viagem se mantenha presente com o passar do tempo. Esta viagem pode ser entendida como uma viagem turística mas também e, neste caso em particular, sobretudo como uma viagem à sala de espera de um consultório médico, a um qualquer transporte público ou mesmo a um café numa esplanada em frente ao escritório. Não existem quaisquer regras senão a imaginação. Tudo serve: etiquetas, faturas, bilhetes, fotografias ou parte delas...tudo aquilo que nos faça lembrar o lugar onde estivemos. Começam por ser diários, mas são obras que refletem o lado mais íntimo de quem desenha.

### III – Prática Pedagógica

“ – Tens muito que fazer?

- Não. Tenho muito que amar.

(Não entendo ser professor de outra maneira.

E não me venham dizer que isto assim cansa e mata;

Morrer-se, sempre se morre: e à minha maneira

tem-se a consolação de não ser em vão que

se morre de cansaço.)”

Sebastião da Gama

### **3.1. As Aulas Observadas e as Decisões**

No sentido de dar resposta ao Estágio, foi decidido juntamente com o professor orientador da prática pedagógica começar por observar as aulas de uma turma de 9º ano. Na escolha da turma, foi somente tido em conta o meu horário na escola de segundo ciclo onde leciono as 24 horas letivas. Por esta razão, e em consonância com o meu horário, desenvolvi a minha prática pedagógica com a turma G do 9º ano de escolaridade. As aulas eram uma vez por semana, à sexta-feira, e funcionavam durante cinquenta mais cinquenta minutos. O Estágio foi iniciado no mês de outubro com aulas de observação do trabalho que se estava a desenvolver dentro da sala de aula e também a observação das características, interesses e receios dos alunos da turma. Durante este período de observação, optei por uma postura de intervenção crescente. Foi minha intenção entrar devagar numa sala e numa aula que não sentia como minhas e ir criando a relação de empatia com os alunos. Criação de empatia que considero imprescindível para o trabalho de um professor que, sobretudo nos nossos dias, deve exercer a disciplina e a autoridade a partir do respeito mútuo e vivências relevantes entre professor e aluno. Acredito que, com um caminho de pequenos passos até ao aluno, conseguimos a tal empatia que nos oferece a disciplina com respeito e amizade. Na sala de aula, e durante as aulas de observação, andei pela sala, observando os trabalhos de cada um, demonstrando como, cada um à sua maneira, podia melhorar o trabalho que estava a desenvolver sem nunca fugir às diretrizes dadas pelo professor.

“Não sou, junto de vós, mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já me esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras. Ensinar, não: falar delas...” (Sebastião da Gama, 1958, p.26)

Neste tempo tão importante de observação da turma e das suas potencialidades foi claro para mim que qualquer que fosse o trabalho a desenvolver com eles teria

de passar pelo Desenho como experiência. Revelaram ser alunos com muito medo de arriscar, de passar por cima do traço anterior, de desenhar sem ser um desenho acadêmico, do desenho considerado por eles inacabado. A cada trabalho que os alunos realizavam, o produto final tinha de ficar quase imaculado, não tendo a percepção do processo que os levou até ao produto final e ao consequente juízo pessoal do seu trabalho. Para ajudar na decisão da Unidade de Trabalho a desenvolver com a turma, o professor recebeu um convite para expor a sua coleção de vinis referentes ao 25 de abril, surgindo assim a ideia de através do Desenho como experiência e da colagem como trabalho identitário desenvolverem uma capa de cd comemorativo dos 40 anos da revolução de abril. O trabalho seria desenvolvido durante os meses de janeiro a março, com uma exposição final a partir do dia 24 de abril.

## **3.2. As Estratégias**

### **3.2.1.Referências Icônicas da Época Histórica**

Para um envolvimento efetivo dos alunos na época histórica do 25 de abril, que não foi vivida por eles e com a qual não se sentem minimamente ligados, foi decisivo apresentar algumas imagens e palavras-chave que facilitaram a abordagem ao tema a trabalhar. Permitir um espaço onde eles conhecem um acontecimento que faz parte da nossa memória coletiva e que nos identifica como povo dá-lhes um ponto de vista sobre a história recente e complementa o universo de conhecimento de cada um.

A seleção de imagens foi realizada com a intenção de mostrar trabalhos concretizados pelos artistas de intervenção antes da revolução do 25 de abril bem como cartazes mais atuais de comemoração da revolução para levar os alunos a questionar e esclarecer todas as dúvidas que ainda pudessem ter relativamente ao acontecimento histórico. Quando o universo dos artistas, em particular daqueles que desenvolvem o seu trabalho com o objetivo único de uma intervenção na sociedade, é conhecido pelos alunos, estes sentem-se mais conhecedores do trabalho artístico e neste caso em particular da influência que o trabalho de um artista pode ter na sociedade onde está inserido. As imagens

selecionadas que foram posteriormente organizadas numa apresentação em PowerPoint e o filme que foi mostrado aos alunos estavam, por um lado ligados à pertinência do contexto a abordar e, por outro, aos conceitos que eu pretendia defender e expor.

### **3.2.2.Exercícios de Desenho**

A escolha do Desenho como estratégia faz parte de um acreditar que o ato de desenhar possibilita o acontecer de uma imensidão de processos dentro do aluno para o desenvolvimento da percepção, da concentração, do espírito crítico, da resolução de problemas, etc.

O Desenho é sem dúvida a estratégia mais simples do ponto de vista de um trabalho em sala de aula e a mais económica, tanto ao nível dos recursos em sala de aula e dos recursos que cada aluno tem para a sua realização, como no que diz respeito aos suportes e materiais para a sua concretização. Quando desenhamos vamos ao encontro do que é essencial e a experiência é vivida de forma imediata.

*“No desenho há, por assim dizer, menos distrações. Tudo é mais claro...”* (Castro Caldas, 2008, p.18)

No conjunto de exercícios que selecionei, na sua maioria, o aluno constrói a realidade visível e a percebida, compreendendo e estabelecendo relações entre ele e o objeto desenhado, aprofundando o seu conhecimento pelo objeto e por si mesmo.

Sendo o Desenho reconhecido como uma ferramenta pedagógica fundamental e determinante no ensino das artes plásticas e, uma vez que, o aluno quando desenha, observa - o ato de observar é aqui contido como um procedimento importante e insubstituível pela experiência real que o aluno, enquanto observador, estabelece. Quando desenha, o aluno constrói a sua percepção

através daquela experiência onde todos os nossos sentidos estão ativos em uníssono para aquela tarefa. Num desenho de observação revisitado é natural lembrarmos dos cheiros, dos sons, das cores daquele momento em que desenhámos aquele objeto ou aquela rua em particular, quase como um revisitar do lugar e do momento. A concentração dá-se neste momento em que a observação é o veículo para o conhecimento do objeto que temos à nossa frente. De uma forma geral, a nossa visão está cheia de pressupostos que o exercício do desenho de observação ajuda a desconstruir no sentido de desenvolver a concentração para o conhecimento real do objeto. O Desenho traz ao desenhador a concentração capaz de, através da observação, desenvolver no aluno procedimentos relativamente à técnica do desenho (proporções, movimento, forma, volume...). Se conseguirmos com estes procedimentos criar desenhadores compulsivos, esta compulsividade trará a capacidade para adquirir as competências necessárias para um Desenho cada vez mais intuitivo.

### **3.2.3.Exercício de Colagem**

O recurso à Colagem como procedimento e estratégia surge, neste contexto, como uma experiência identitária. O aluno é convidado a desenvolver uma Colagem, partindo de um dos produtos concretizados através dos vários exercícios de Desenho e, onde todo o processo fará parte de escolhas individuais. Essas escolhas, passam pelo suporte, pelo material a colar, pela técnica de colagem e pelo material riscador para um concretizar do projeto.

Colar concentra um conjunto de procedimentos de escolha individual importantes para o desenvolvimento da visão e reflexão identitária. No ato de escolher o papel, de o recortar e de o colar o aluno está a exercer, de forma artística, a sua identidade. Esta identidade é reconhecida através da composição com figuras e elementos de diferentes contextos que se tornam um todo, criando um novo contexto que até então não existia. Desta forma, o aluno é levado a assumir a responsabilidade pelo resultado das suas escolhas, uma vez que a sua produção estética implica um pensamento para a escolha daquilo que faz.

Com as mãos ou a tesoura, cola e papel, o aluno compõe a Colagem com elementos de diferentes contextos e que transmitem a identidade cultural e social de si mesmo, identificando também o seu percurso de vida, as oportunidades, as experiências vividas e os seus gostos particulares.

Todas estas características particulares de um trabalho de colagem dão ao produto final um interesse e expressam a identidade pessoal do aluno. A sua produção e a sua criação partem de escolhas pessoais.

### **3.3. Unidade de Trabalho Lecionada: Capa de CD Comemorativo dos 40 Anos do 25 de abril**

#### **3.3.1. Explicação Sucinta do Trabalho Desenvolvido**

Após a decisão tomada pelo professor orientador e por mim, os alunos foram informados desta nossa tomada de decisão e de todo o trabalho que seria desenvolvido por eles, para eles e com eles. Foram definidos os objetivos em conjunto para o início da prática de O Desenho e a Colagem como Experiência Identitária no Ensino das Artes Visuais sempre tendo em conta o programa de Educação Visual e as Metas Curriculares para a disciplina.

Numa primeira fase foram analisados diversos fatores inerentes a uma prática pedagógica: as expectativas da escola e dos alunos, relativamente aquilo que cada um poderia fazer na disciplina de Educação Visual. Inventariar os conhecimentos que os alunos já pudessem ter relativamente ao assunto e às técnicas a desenvolver, pedindo-lhes que partilhassem as suas experiências. Foi também importante conhecer a forma como cada aluno encarava o desenho, esta realizada através da aplicação de um inquérito e da observação de aula.

Após a definição dos objetivos do trabalho a desenvolver foi dada a oportunidade aos alunos de esclarecerem dúvidas e de participarem também com as suas ideias. Esta estratégia implica um envolvimento que promove a motivação de cada um através do contacto direto com o que vai desenvolver. Toda a Unidade de Trabalho passou por trabalhos individuais realizados para um trabalho de grande grupo onde todos deram o seu contributo para um fim comum que requeria o envolvimento total de cada aluno no decorrer da aula para o usufruto de todos.

Desta forma, e ao mesmo tempo que é cumprido o Programa e as Metas Curriculares de Educação Visual para o 9º ano de escolaridade, estamos a desenvolver nos alunos a participação, o espírito crítico de cada um e a capacidade de autodeterminação desenvolvendo também o auto conhecimento. Seriam eles a apresentar as propostas de criação num cenário identitário de cada um, para noutra etapa mostrarem as suas propostas - exposição final.

Toda a Unidade de Trabalho foi definida e planificada a partir das especificidades do grupo turma, dos alunos per si e de todos os agentes participantes. A sua

organização está assente em fatores educativos e culturais, estruturada atempadamente, ficando sempre em aberto para atualizações atendendo às necessidades e dificuldades sentidas em conjunto durante o desenvolvimento do trabalho.

Na primeira aula apresentei um PowerPoint sobre o 25 de abril de 1974 com imagens e palavras-chave. Este recurso teve como principal objetivo direcionar os alunos para a época histórica e para todas as suas imagens icónicas. Levantou também o debate para perguntas sobre a época e consequentes respostas sobre tudo o que os alunos foram perguntando. No final dos primeiros cinquenta minutos de aula apresentei um filme de animação intitulado “A noite saiu à rua”, de 1987, pensado e construído por diversos artistas com o apoio do Filmógrafo, Estúdio de Cinema de Animação do Porto. Este filme retrata todo o processo de passagem de um regime ditatorial, com tudo o que ele representava, para um regime democrático. Com o filme, os alunos tiveram acesso a uma forma diferente de ver a revolução. É muito importante mostrar aos alunos de um outro modo, aquilo que já foi mostrado vezes sem conta na TV. A imagem, as formas e a maneira como são exploradas, diferente daquilo a que os alunos estão habituados, dá-lhes uma nova realidade que mais tarde podem explorar sózinhos. Depois destas apresentações começaram a realizar os exercícios de Desenho. Ainda durante esta aula foram realizados três exercícios. O primeiro exercício teve como principal objetivo o reconhecimento por parte dos alunos do sentimento entre um colecionador e o objeto colecionado. O enunciado deste exercício pedia-lhes que, num registo rápido, desenhassem, de memória, um objeto com o qual tivessem uma relação de afetividade. Depois deste primeiro exercício, que funcionou como uma introdução a todo o trabalho onde os alunos já caminhavam, foram realizados dois exercícios, um de desenho cego e outro com a mão oposta à que escreve. Nestes exercícios apresentei sempre imagens, escolhidas a partir da apresentação em PowerPoint e enunciei os objetivos de cada exercício.

Devo salientar que todos os exercícios foram registados num Diário Gráfico elaborado propositadamente para este trabalho. Sendo, neste caso, necessário entender o Desenho como experiência, o Diário Gráfico também não podia deixar de ter estas características. Por tal, o Diário Gráfico era um caderno com folhas

de vários tipos, gramagens e cores, dobradas em harmônio de forma aleatória e sem nenhuma medida padrão. Nenhum caderno era igual ou tinha as mesmas dimensões.

Numa primeira abordagem ao desenho cego foi permitido aos alunos que desenhassem com o material riscador escolhido por eles. Uma vez que, o papel do professor também é analisar a margem de manobra do surgimento de situações imprevisíveis propondo alterações à sua planificação - no exercício seguinte foi pedido a todos os alunos que utilizassem somente a esferográfica. Esta alteração de utilização do material riscador deveu-se sobretudo ao medo e falta de decisão demonstrada pela grande maioria dos alunos.

No segundo exercício e depois do enunciado ser apresentado os alunos, embora ainda com relutância, já não demonstraram tanto medo e senti a turma com mais vontade de experimentar novas abordagens ao Desenho.

Nas aulas seguintes foram sendo desenvolvidos os restantes exercícios: Selo iconográfico; Na linha; Estica e encolhe; Rasgar, colar e transformar; Sobrepondo; Alto-contraste. Todos estes exercícios foram realizados segundo os enunciados apresentados e no suporte já mencionado – o Diário Gráfico – utilizando como material riscador a esferográfica de cor preta.

Estes exercícios foram selecionados com o intuito de, sem se aperceberem, os alunos esboçarem diversas propostas para a elaboração da capa de CD. Nos enunciados dos exercícios e na seleção das imagens esteve sempre presente o desenho da forma, as formas sobrepostas mas desenhadas com transparências, a transformação das formas e a simplificação das formas; essenciais para o desenvolvimento do trabalho de colagem. Este trabalho, de colagem, começou pela apresentação em PowerPoint das técnicas de colagem e das diversas formas de transformação dos materiais a utilizar. Depois disto passámos à escolha, através de uma moldura de enquadramento, do pormenor de desenho que cada aluno iria transformar numa colagem. Todo o trabalho foi depois desenvolvido através da escolha de materiais a rasgar e a colar utilizando a justaposição e/ou a sobreposição. Quando o aluno considerava que não havia mais nada a acrescentar à sua colagem, era convidado (conforme o enunciado do

exercício) a complementar o seu trabalho com cor utilizando variados materiais riscadores.

### **3.3.2. Planificação da Unidade de Trabalho**

#### **1. Sinopse**

A Unidade de Trabalho “Capa de CD comemorativo dos 40 anos do 25 de abril” tem como última finalidade a comemoração, tal como o próprio nome indica, do aniversário dos 40 anos da revolução de abril de forma expressiva e envolvente para os alunos da turma e para a comunidade educativa, tirando partido de experiências vivenciadas pelos alunos através das propostas de trabalho abaixo enunciadas, conhecendo novas formas de representação e de expressividade bi dimensional. Será desenvolvida com uma turma de 9º ano de escolaridade na disciplina de Educação Visual.

Pretende-se uma abordagem ao 25 de abril, tendo sempre como ponto de partida as imagens icónicas deste período em particular, a expressividade individual de cada aluno bem como as experiências vividas no desenvolvimento da unidade de trabalho potenciando as capacidades individuais para a representação plástica, estando sempre por base a aquisição de técnicas e sábia utilização dos materiais cedidos.

A planificação aqui apresentada foi elaborada segundo as Metas Curriculares para o Ensino Básico, para a disciplina de Educação Visual de Agosto de 2012 e o Programa de Educação Visual para o 3º ciclo.

#### **2. Objectivos**

- Relembrar a revolução de abril, o seu significado e a sua importância para Portugal;
- Conhecer o antes e o pós 25 de abril e as transformações que aconteceram no nosso país;
- Reconhecer a importância de uma coleção no que diz respeito ao indivíduo bem como para um museu;
- Executar exercícios de desenho com determinados objetivos e características;
- Conhecer a técnica de colagem e os pintores que a iniciaram;

- Adquirir e desenvolver técnicas de transformação dos materiais a utilizar numa colagem: fragmentação, rasgão, corte e recorte;
- Adquirir e desenvolver técnicas de colagem: justaposição e sobreposição;
- Compreender a relação de parceria entre o material e o utensílio;
- Saber escolher a técnica adequada ao processo de colagem e ao material a colar;
- Elaborar capas de CD com a técnica de colagem utilizando diversos materiais;

### 3. Recursos

Temporais

9 aulas de 50+50 minutos

Humanos

Professor e Comunidade Educativa

Materiais

Apresentação com o tema “25 de abril de 1974”

Filme “A noite saiu à rua”, 1987, Estúdio de Cinema de Animação do Porto

Fichas de exercícios de desenho

Apresentação com o tema “A colagem e o processo”

Diário Gráfico

Para a realização dos exercícios de desenho:

Esferográfica

Diário Gráfico

Para a realização da capa de CD através da colagem:

Papel vegetal

Papeis diversos

Revistas e jornais

Tesoura

Cola líquida e de baton

Esferográfica

Lápis de cor

Marcadores

Grafite

4. Conteúdos/Resultados pretendidos

### **Comunicação:**

#### **Elementos visuais na comunicação**

Fazer o levantamento gráfico, com esferográfica, do seu envolvimento;

#### **Papel da imagem na comunicação**

Reconhecer a importância das imagens no comportamento das pessoas;

### **Espaço:**

#### **Representação do espaço**

Representar o espaço utilizado, isoladamente ou de modo integrado, as sobreposições, variações de dimensão, de cor e de claro-escuro, ou as gradações de nitidez;

### **Estrutura:**

#### **Forma/função**

Relacionar a forma e a função dos objetos com a sua estrutura;

### **Luz/ Cor:**

#### **A Cor – Luz no ambiente**

Compreender os efeitos da cor na percepção do mundo envolvente;

Aplicar os conhecimentos adquiridos sobre a cor – sensação e a influência da cor no comportamento;

### **Forma:**

#### **Percepção visual da forma**

Compreender que a percepção visual das formas envolve a interação da luz-cor, das linhas, da textura, do volume, da superfície, etc;

#### **Fatores que determinam a forma dos objetos**

Escolher os materiais a utilizar na resolução de problemas de design, em função das suas propriedades físicas;

Compreender a importância do fator económico considerado como condicionante do design: a mão-de-obra, os materiais, o tempo e a conservação;

Relacionar a forma dos objetos com as medidas e os movimentos do Homem;

Fundamentar a escolha de uma entre várias formas que satisfaçam todos os fatores considerados.

## 5-Metodologia

Toda a Unidade de Trabalho será desenvolvida tendo em atenção as seguintes vertentes:

O Método de resolução de problemas;

A prévia e continuada análise de diagnóstico do nível de familiarização dos alunos com os exercícios enunciados e os materiais;

A exploração das potencialidades plásticas e expressivas dos alunos através dos exercícios de desenho enunciados;

O trabalho em grande grupo com a constante partilha de experiências e de aprendizagens;

O registo no "Diário Gráfico" das várias experiências vividas pelo aluno com os exercícios de desenho enunciados e os diversos materiais utilizados no exercício de colagem.

## 6-Avaliação

A avaliação da Unidade de Trabalho considerará:

- O grau de envolvimento e participação dos alunos;
- O nível expressivo dos exercícios de desenho realizados no DG;
- O nível expressivo e técnico do exercício de colagem;
- A apresentação do "Diário Gráfico" com o desenvolvimento do processo.

Planificação da Unidade de Trabalho <b>Capa de CD comemorativo dos 40 anos do 25 de abril</b>	Educação Visual 9º ano 9 Aulas de 50+50 minutos Calendarização: Janeiro/Fevereiro/Março
--	--

Domínio	Objetivo Geral	Descritores de desempenho	Estratégias	Recursos
Discurso	Refletir sobre o papel das manifestações culturais e do património.	Identificar o património e identidade nacional, entendendo-os numa perspetiva global e multicultural.	Apresentação com o tema: "25 de abril de 1974"	Apresentação em PowerPoint  Projetor para projeção do filme
	Reconhecer o papel das trajetórias históricas no âmbito das manifestações culturais	Desenvolver ações orientadas para o conhecimento da trajetória histórica de manifestações culturais, reconhecendo a sua influência até ao momento presente.  Investigar o objeto/imagem numa perspetiva de reflexão que favorece percepções sobre o futuro.	Visionamento do filme "A noite saiu à rua" de 1987  Debate aberto sobre o 25 de abril	
Discurso	Compreender o conceito de museu e a sua relação com o conceito de coleção.	Distinguir o conceito de museu do conceito de coleção.	Exercício: "O Colecionador"	Diário gráfico  Esferográfica
Técnica	Dominar procedimentos sistemáticos de projeção	Desenvolver ações orientadas para a prática de técnicas de desenho, que transformam os resultados numa parte ativa do conhecimento.	Exercícios de desenho no Diário Gráfico:  Exercício: Desenho cego	
Representação	Conhecer processos de construção da imagem no âmbito dos mecanismos da visão.	Identificar e registar a relação existente entre figura e fundo, utilizando os diversos meios de expressão plástica existentes.	Exercício de desenho com a mão oposta à que escreve	

Representação	Dominar a aquisição de informação intuitiva e de informação estruturada.	Desenvolver ações orientadas para a compreensão de informação adquirida de forma intuitiva, que desenvolve padrões representativos através de imagens percebidas/sentidas.	Exercício: Selo iconográfico  Exercício: Na linha  Exercício: Estica e encolhe  Exercício: Rasgar, colar e transformar  Exercício: Sobrepondo  Exercício: Alto-contraste	Diário gráfico  Esferográfica
Representação	Dominar a aquisição de informação intuitiva e de informação estruturada.	Desenvolver capacidades de representação linear estruturada que permite organizar e hierarquizar informação, como base interpretativa do meio envolventes.	Exercício de colagem	Papel vegetal Papeis diversos Revistas e jornais Tesoura Cola líquida Cola baton Esferográfica Lápis de cor Marcadores Grafite
Discurso	Reconhecer o âmbito da arte contemporânea	Compreender e distinguir a arte contemporânea no âmbito da expressão (tom provocativo e crítico, experiências físicas e emocionais fortes, ausência de regras pré-estabelecidas).  Aplicar conceitos de obra de arte abstrata e figurativa, em criações plásticas bi e/ou tridimensionais.		
Discurso	Reconhecer o papel da investigação e da ação no desenvolvimento do projeto.	Desenvolver capacidades de relacionar ações e resultados, que condicionam o desenvolvimento do projeto.		

### **3.4. Recursos e Meios Didáticos**

#### **3.4.1. Diário Gráfico**

Considero de indispensável utilização este caderno de desenhos que pode ter vários nomes e ser utilizado em diversos moldes. No caso do projeto desenvolvido durante a minha prática pedagógica, foi importante a utilização do Diário Gráfico como suporte de todos os exercícios de desenho realizados. Era necessário mostrar aos alunos outras opções relativamente às dimensões do suporte e às características desse mesmo suporte. As folhas de formato A3 do bloco de papel cavalinho que, a meu ver, são exageradamente utilizadas e que assumem um papel quase indispensável numa sala de aula, tinham de ficar guardadas. Era hora de dar lugar a papéis de vários tipos, gramagem e cor. Assim, foi construído um Diário Gráfico por aluno, com o objetivo de que cada folha aberta fosse uma surpresa e um novo desafio. A construção do Diário Gráfico não pressupunha nenhum tamanho padrão, diversos tipos de papéis como papel manteiga, papel quadriculado, de máquina branco e colorido, papel kraft e até papel pautado. Estes, foram colados uns aos outros, de forma aleatória e posteriormente dobrados, em harmónica, sem uma medida padrão. Cada caderno tinha uma dimensão própria e era normal ter uma folha em que metade era papel manteiga e a outra metade papel quadriculado.

O Diário Gráfico trouxe à minha prática pedagógica o suporte e o arrumo de todos os desenhos realizados de forma intimista e muito individual, como um regresso a tudo o que é essencial num exercício de desenho.

O Diário Gráfico é um meio de suporte para um momento de experiência individual repleta de cheiros, cores, sons e emoção. A utilização deste caderno em sala de aula faz os alunos sentirem-se seduzidos pelo desenho, pelo gosto de desenhar e acredito servir de veículo para um desenhar mais compulsivo e consequente utilização mais intimista e regular.

No Diário Gráfico não é necessário mais do que uma esferográfica e a imaginação. O aluno pode desenhar, colar ou até escrever e sobretudo desenvolver a sua identidade na escolha do que desenha, do que cola e das técnicas que utiliza. Os Diários Gráficos começam por ser só mais um caderno de

desenhos mas, na realidade, são lugares de cada um de nós onde está inscrito o lado mais íntimo de quem desenha.

### **3.4.2. Apresentações em PowerPoint**

A utilização de um recurso material tecnológico como as apresentações em PowerPoint torna-se imprescindível num mundo atual onde as novas tecnologias entram pela nossa sala de aula através, tanto da atualização das escolas como dos alunos que nos chegam quase diluídos neste mundo das novas tecnologias. Parece-me, de certa forma, uma atitude autista deixarmo-nos ficar indiferentes a todo este mundo novo do Youtube e Facebook como ferramentas sociais de divulgação de imagens e mensagens diárias e não utilizarmos a internet e os suportes informáticos para os alunos, poderem visionar demonstrações variadas da cultura e da sociedade para que a partir desse estímulo, possamos prosseguir para a aprendizagem.

Sempre foi minha prática a utilização de todas estas ferramentas para alunos de uma faixa etária mais baixa. Para alunos que estão na adolescência considero de importância notória as apresentações em PowerPoint construídas por mim, como material de apoio à aula ou ao tema a trabalhar. A apresentação em PowerPoint, quando elaborada com o cuidado da seleção e organização gráfica de todos os elementos que a compõem, permite o visionamento de filmes, a introdução de obras de arte, de palavras que consideramos chave para a abordagem de um qualquer tema e até de informação sobre sítios na internet para uma pesquisa individual mas, permitem também o debate ao ritmo dos alunos, o esclarecimento de qualquer dúvida e o diálogo em grande grupo sobre uma imagem ou um filme, permitindo estabelecer uma relação de motivação e de envolvimento com o grupo turma.

### **3.4.3. Exposição Final**

A exposição surge como o desenvolvimento da autodeterminação e do espírito crítico e a capacidade de responsabilização pelo trabalho realizado. Quando um trabalho é desenvolvido no sentido da mostra do produto final ser feita através de uma exposição, o aluno sente a responsabilidade desde o início da sua elaboração até ao dia em que escolhe o seu melhor produto para expor à comunidade escolar. Ao escolher está a desenvolver o seu espírito crítico e sempre que lhe é pedida uma opinião sobre a escolha que fez, desenvolve a autodeterminação no momento em que defende a sua escolha e demonstra que é a acertada.

Em relação ao grupo turma, também considero de extrema importância o desenrolar do trabalho para culminar numa exposição. Todos sentem, quase como um dever, dar o “tudo por tudo” pela mostra dos trabalhos de todos. Cada um desenvolve o seu trabalho para o coletivo turma. A planificação e a organização de uma exposição de trabalhos dos alunos, com a consequente escolha dos trabalhos a expor, desenvolve no aluno a capacidade de tornar-se num indivíduo ativo na comunidade escolar, autodeterminado, com ideias próprias, sendo mais um passo para o continuar desse trabalho ativo na sociedade onde está inserido.

### **3.5. Avaliação**

#### **3.5.1. Avaliação**

Ao pensarmos o ensino como algo que envolve procedimentos com a função da transmissão de conhecimentos ou de conteúdos sabemos que na prática ensinar e aprender nem sempre coincidem de forma absoluta.

Ensinar é um dispor de conteúdos que são reconhecidos como imprescindíveis mas implica dispor de meios de veicular esses mesmos conteúdos e maneiras de aferir a efetiva apoderação dos mesmos pelos alunos. Para tal é necessário o processo de avaliação aqui abordado em particular para o desenho e consequentemente para o Ensino das Artes Visuais.

A avaliação encontra um papel fundamental na aquisição e articulação de conteúdos e tem uma importância no processo pedagógico no ensino artístico sendo uma parte integrante e indissociável das restantes actividades e componentes do ensino.

Sempre que um professor sente a necessidade de verificar se um aluno entendeu uma ideia ele está a avaliar. Sempre que decide se um aluno está ou não concentrado e absorvido no e pelo seu trabalho, ou quando o mesmo aluno decide ir por um caminho diferente do que traçou ao início da actividade, o professor está a avaliar.

Embora a questão da avaliação seja sempre um assunto particularmente difícil ela é concreta e está inserida num contexto específico, caracterizada por determinadas condições que estabelecem, de forma progressiva, a sua dinâmica interna.

Tal como refere Philip Cabau, no seu livro “O Dispositivo Desenho” de 2012, sem um procedimento ou forma de avaliação, qualquer professor não consegue conhecer as consequências do seu ensino no aluno e com isto obter um retorno sobre a maneira como este decorreu. No entanto, importa sobretudo tentar construir um processo de avaliação que seja adequado para os conteúdos leccionados e para os alunos e professores nele envolvidos. Este processo de avaliação deve estabelecer uma malha de conteúdos sobre o assunto que foi alvo de uma determinada acção pedagógica e que decorre com um grupo de alunos

específico. Todo este processo deve ser partilhado por todos os agentes envolvidos no mesmo.

*“A avaliação constitui uma importante instância de consciencialização e diagnóstico, proporcionando ferramentas de análise e aferição de aptidões. Ela proporciona o acesso a diversas qualidades que, sem esse momento, teriam dificuldade em ser identificadas. É um instrumento fundamental de responsabilização.”* (Philip Cabau, 2012, p.176)

Acredito que a avaliação de uma actividade nas artes visuais é algo que diz respeito a todos, professores e alunos. No entanto, esta questão levanta outra relativamente à autoridade do professor. Embora acreditando que a autoridade de um professor se constrói com a empatia e o envolvimento partilhado, este facto implica um novo pensar sobre a autoridade no processo de ensino e considerá-la como uma obra partilhada. Philip Cabau refere que o ponto de vista do aluno sobre a avaliação de conteúdos, os procedimentos e a forma como é implementada constitui um recurso importante no processo da avaliação. Torna-se óbvio que qualquer professor aprende muito sobre a experiência vivenciada pelo aluno e aquilo que aprendeu somente no ato de o observar a trabalhar e ouvi-lo falar sobre o que fez – as prioridades, ao que prestou maior atenção, o que considerou que foi bem-sucedido e porquê. Neste processo está sempre incluído o aluno e os seus colegas, mesmo quando este processo não esteja consagrado na conhecida avaliação. Muito embora o processo de avaliação no Ensino das Artes Visuais, por vezes nos detenha na tendência de avaliar somente o produto final, sendo sempre muito difícil fugir a esta condição que incorpora juízo e apreciação. Os colegas, também alunos, sabem sempre quem é merecedor do maior reconhecimento; sabem quem fez os maiores progressos; quem teve a coragem de persistir no trabalho e ao invés, aquele ou aqueles que se acomodaram no sedentarismo.

*“Dada a natureza processual da disciplina, existe uma tendência para se instalar, nas avaliações em desenho, uma separação entre o processo e o resultado, entre o produto acabado e o modo como se chegou lá. A dificuldade de uma apreciação está no facto de o critério valorativo não poder incidir sobre o produto final – uma vez que este é parte integrante do processo a que pertence. Contudo, também não é sobre o processo ele mesmo que o critério se pode edificar pois sem uma instância de concretização, por provisória que seja, ele nada significa.”* (Philip Cabau, 2012, p.199)

O momento da avaliação de uma ação pedagógica é sempre muito difícil tornando-se por vezes desconfortável e desajustado entre a conceção do trabalho desenvolvido pelo aluno num ritmo quotidiano e a avaliação final repleta de pressupostos irreversíveis e definitivos.

Geralmente a avaliação é confundida e até identificada com a ideia de medida. No entanto, avaliar deve ser encarado de forma eminentemente valorativa em que se questionam os méritos de uma ação, de um procedimento ou de um objeto.

Para Philip Cabau, um professor durante o ato de avaliar, ao invés de somente se preocupar com o resultado, deve incidir no comprometimento demonstrado pelo aluno no trabalho, na sua capacidade para assumir riscos, como persegue as questões e resolve os problemas, a curiosidade demonstrada pelas questões e pelas novas possibilidades. Tudo isto pode ser avaliado e apreciado, estando presentes nesta avaliação o processo e o produto final.

*“Um professor jamais terá toda a informação sobre aquilo que durante o processo, o aluno efetivamente adquiriu. Só aquilo que um aluno produz num contexto pedagógico e o modo como o seu trabalho se transforma qualitativamente ao longo do tempo é o indicador de tudo aquilo que ele já adquiriu. As avaliações constituem assim os melhores aferidores daquilo que o aluno pensa e o modo como o faz”* (Philip Cabau, 2012, p.201)

### **3.5.1. Inquérito realizado aos Alunos**

Agrupamento de Escolas António Gedeão

Escola Secundária António Gedeão

Educação Visual

### Capa de CD Comemorativo dos 40 Anos do 25 de Abril

Responde de forma clara às perguntas abaixo

#### 1. Todos podem ser artistas?

Claro que sim

Talvez

Não, porque o artista é uma pessoa que faz da sua arte uma profissão

#### 2. Gostas de desenhar?

Sempre

Às vezes

Nunca

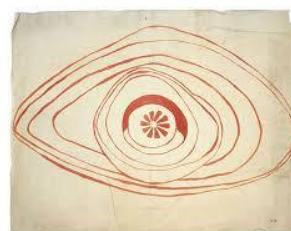
#### 3. Qual ou quais das imagens representa um desenho?



a)



b)



c)

#### 4. Na tua opinião o que é que utilizamos para desenhar:

A mão

O lápis

Todo o corpo

O nosso cérebro

**5. De forma sucinta, explica o que é para ti desenhar:**

---

---

**6. Podemos fazer uma colagem a partir de um desenho?**

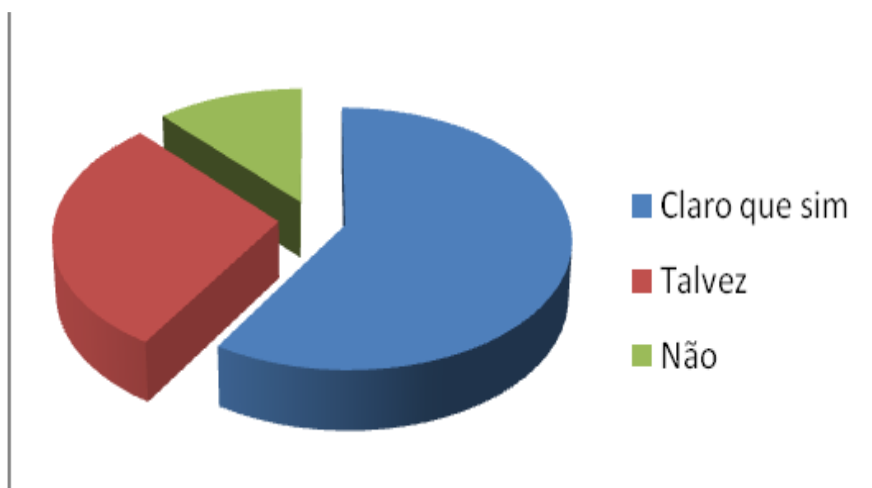
Sim

Sim, se formos artistas

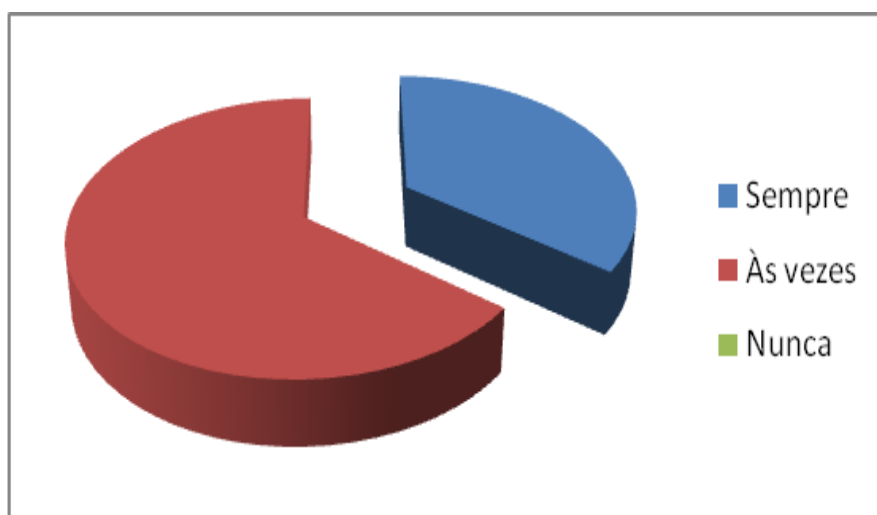
Não

### 3.5.2. Apresentação dos resultados do inquérito

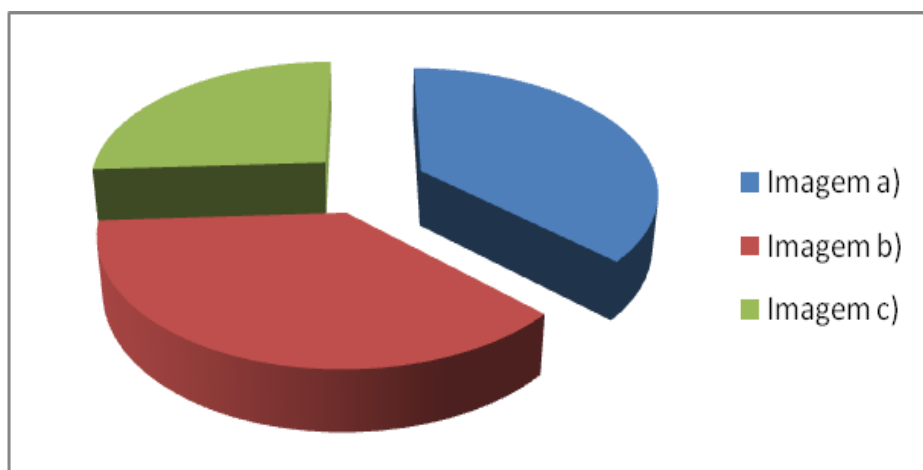
Relativamente à primeira questão colocada no inquérito, em que os alunos são questionados pela possibilidade de todos podermos ser artistas, as respostas foram maioritariamente “claro que sim” (10); cinco alunos responderam talvez, e dois alunos consideram que não, porque o artista é uma pessoa que faz da sua arte uma profissão, como demonstrado no gráfico abaixo.



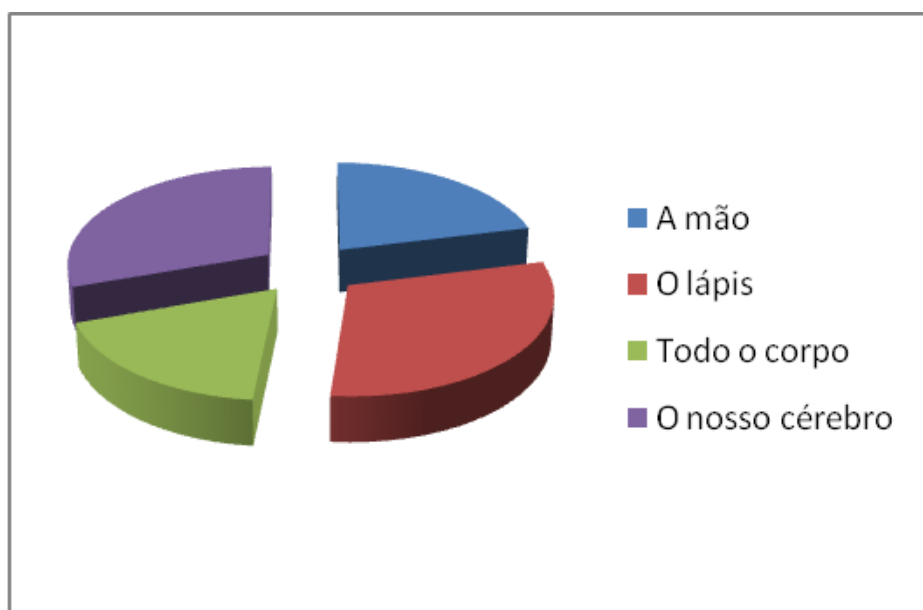
Quando é perguntado aos alunos se gostam de desenhar, seis deles afirmam que sempre. A maioria (11) responde que gosta de desenhar às vezes. Desta resposta podemos aferir que pode depender do processo que leva ao desenho, como é motivado para tal e até os materiais que lhe é permitido utilizar. Nenhum aluno referiu que nunca desenha.



Quando colocadas as três imagens para que o aluno indicasse qual ou quais, segundo ele, representa um desenho é notório que os alunos consideram que qualquer das imagens pode representar um desenho. De forma muito igualitária, dez alunos identificaram a imagem a); outros dez a imagem b) e sete alunos a imagem c).



Na opinião dos alunos da turma, quando desenhamos só utilizamos o lápis e o nosso cérebro (10), sete alunos acreditam que só utilizamos a mão e seis alunos consideram que utilizamos todo o corpo. Estas conclusões são apresentadas no gráfico abaixo.



Para a questão número cinco, onde era pedido aos alunos que explicassem de forma sucinta o que era para cada eles desenhar, as respostas foram várias e diferentes. Na grande maioria, os alunos mencionam que desenhar é “expressar algo no papel” ou “representar algo” e há ainda quem afirme que “desenhar é pensar”.

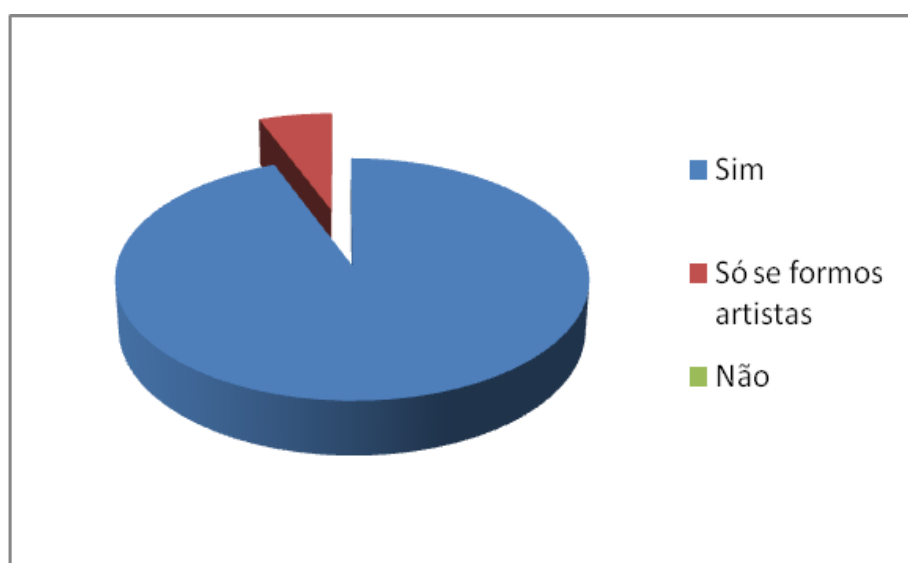
No entanto, quero registrar três definições que considero de uma reflexão sublime sobre aquilo que estes alunos sentem quando desenhavam:

*“Desenhar é deixar-te levar pela tua mente e soltar a tua imaginação.”*

*“Desenhar para mim é como se fosse uma terapia, pois sempre que me encontro triste ou chateado com algo, ponho-me a desenhar e sinto-me sempre mais aliviado.”*

*“Desenhar, no meu ponto de vista, é uma forma de meter as nossas mãos em liberdade e dar asas à imaginação.”*

Numa última questão onde os alunos são abordados sobre a possibilidade de fazermos uma colagem a partir de um desenho a grande maioria (16) consideram que sim, é possível. Um aluno considera que essa questão é possível mas só se formos artistas.



### **3.5.3. Instrumentos de Avaliação**

Para a avaliação – processo de articulação do conjunto de conteúdos, conhecimentos e capacidades no desempenho dos alunos é necessário utilizar, de forma planificada e sistemática uma variedade de instrumentos de avaliação como cadernos, testes e fichas, relatórios, trabalhos individuais, de pares ou de grupo, grelhas de análise e de observação, questionários diversos, trabalhos de casa, intervenções orais, portfólios, diários de aula, cadernos de laboratório, registos da autoavaliação e outros. Contudo, estes instrumentos de avaliação têm um valor relativo, pois qualquer professor deve ter em conta a avaliação informal, mais ou menos intuitiva, que decorre do processo de aprendizagem. Se utilizarmos o mesmo tipo de instrumento de avaliação pode induzir-nos em erros graves uma vez que não nos permite conhecer o indivíduo de todos os ângulos. Cada grupo de alunos, demonstra as suas competências através de um determinado tipo de instrumentos e cabe ao professor preparar cada aluno para responder da forma mais adequada possível a qualquer instrumento de avaliação utilizado. Não devemos deixar que o contexto em que o instrumento é aplicado funcione como um bloqueio para o aluno, uma vez que os alunos reagem de forma diferente a um mesmo ambiente. É impossível construir um instrumento de avaliação para cada aluno mas é desejável uma diversificação tanto quanto possível.

Na tentativa de avaliar com justiça, utilizei os seguintes instrumentos de avaliação:

- Inquéritos;
- Registos de Observação;
- Listas de Verificação;
- Grelha de Registo de Intervenções Orais;
- Grelha de Avaliação do Trabalho;
- Diário Gráfico como Portfólio de Evidência de Aprendizagem Individual.

É função do professor, consoante as características de cada um dos instrumentos de avaliação, das necessidades e do contexto em que as suas práticas são desenvolvidas, fazer as opções que sentir serem as mais adequadas.

### 3.5.4. Critérios de Avaliação

Domínio	Nível 1 De 0 a 19	Nível 2 De 20 a 49	Nível 3 De 50 a 69	Nível 4 De 70 a 89	Nível 5 De 90 a 100
Competências específicas	Exprime-se e interpreta incorretamente e não utiliza o vocabulário específico	Exprime-se e interpreta incorretamente e raramente utiliza o vocabulário específico	Exprime-se e interpreta corretamente e utiliza algum vocabulário específico	Exprime-se e interpreta corretamente, de forma clara e objetiva e utiliza de forma adequada o vocabulário específico	Os mesmos do anterior
	Não aplica com correção as diretrizes dos enunciados dos exercícios	Aplica com pouca correção as diretrizes dos enunciados dos exercícios	Aplica com correção as diretrizes dos enunciados dos exercícios	Aplica com muita correção as diretrizes dos enunciados dos exercícios e estabelece novas metas para si.	Os mesmos do anterior
	Representa com muita incorreção a proporção das formas	Representa com incorreção a proporção das formas	Representa com alguma correção a proporção das formas	Representa com correção a proporção das formas	Os mesmos do anterior
	Não caracteriza a forma através do desenho de esboço	Raramente caracteriza a forma através do desenho de esboço	Caracteriza a forma através do desenho de esboço com alguma incorreção	Caracteriza a forma através do desenho de esboço	Caracteriza corretamente a forma através do desenho de esboço e fá-lo de forma identitária
	Não revela expressividade no traço	Revela pouca expressividade no traço	Revela alguma expressividade no traço	Revela muita expressividade no traço	Revela muita expressividade e identidade no traço
	Não enquadra com equilíbrio e escala adequada o desenho na folha	Enquadra com pouco equilíbrio e escala pouco adequada o desenho na folha	Enquadra com algum equilíbrio e escala adequada o desenho na folha	Enquadra com equilíbrio e escala adequada o desenho na folha	Os mesmos do anterior
	Não utiliza o Diário Gráfico	Raramente utiliza o Diário Gráfico	Utiliza, às vezes, o Diário Gráfico	Utiliza sempre o Diário Gráfico	Utiliza sempre o Diário Gráfico com um cunho identitário
	Não utiliza processos de transformação gráfica e simplificação da forma	Raramente utiliza processos de transformação gráfica e simplificação da forma	Às vezes utiliza processos de transformação gráfica e simplificação da forma	Utiliza sempre processos de transformação gráfica e simplificação da forma	Utiliza sempre processos de transformação gráfica e simplificação da forma com um cunho identitário

### **3.5.5. Análise Crítica da Prática Pedagógica**

A prática pedagógica com estes alunos do 9º ano foi muito importante em várias medidas. Primeiro trabalhei com uma faixa etária superior àquela a que tenho lecionado. A linguagem é totalmente diferente e o trabalho em sala de aula pode e deve ser menos direcionado, permitindo ao aluno e ao professor novas abordagens e concretizações. Trabalhei o Desenho, algo que para mim tem uma importância extrema no desenvolvimento de cada um de nós. Poder realizar exercícios de desenho com estes alunos foi um privilégio, pelo seu empenho e vontade de experimentar que traziam para todas as aulas.

Ao longo de cada aula e de todo o estágio, refleti permanentemente sobre os resultados, as estratégias e as situações que foram surgindo durante as aulas: como os alunos reagiam aos enunciados dos exercícios, aos materiais que lhes era indicado utilizar, às falhas de internet que por vezes se tornaram pouco facilitadoras da prática pedagógica.

Durante o período em que realizei o estágio nunca me esqueci do contexto: a sala, a escola, os alunos, ou seja todos os participantes e o meio envolvente onde se passava a ação.

As orientações do professor orientador, foram de enorme importância. Ele conhecia a turma e cada aluno melhor do que eu, e ao colocar-se à distância, tendo assim uma visão privilegiada de todo o trabalho desenvolvido por mim, ajudava na reflexão semanal de todo o processo.

Ao longo do processo assisti a resultados muito reveladores da importância para os alunos da utilização do Diário Gráfico e conseqüentemente nos seus trabalhos. Todos escreviam o que sentiam, cada um sabia qual era o Diário Gráfico de cada colega, partilhavam ideias e criações pedindo conselhos, escolhiam materiais identitários, se não gostavam traziam outros materiais e utilizavam o material riscador consoante o que queriam transmitir.

Sempre foi muito fácil estabelecer um bom relacionamento com a turma. Foram alunos empenhados, de fácil trato, meigos e muito interessados com o trabalho que tinha preparado para eles. Agradeço o trabalho e a humildade com que aceitaram esta minha experiência, algo novo para eles, com um agente novo na sala de aula.

O ambiente profissional de aceitação da minha presença foi de tal ordem positivo, tornando a minha inclusão facilitadora para o desenrolar do trabalho com os alunos.

## **CONCLUSÃO**

O Desenho e a Colagem como Experiência Identitária no Ensino das Artes Visuais, relatório de estágio e proposta educativa para a disciplina de Educação Visual desenvolvida na Escola Secundária António Gedeão, com a turma 9ºG, no ano letivo de 2013/2015, teve como ponto de partida a comemoração dos 40 anos do 25 de abril e um convite feito ao professor Carlos Calado, para expor a sua coleção de vinis alusivos à época, bem como os trabalhos realizados pelos alunos. Tendo como tema o 25 de abril, foi planificado o trabalho com vista à criação e ao desenvolvimento de uma estratégia para a desmistificação da ideia de que o Desenho só o é se for académico, pretendendo que os alunos sentissem que todo o traço é Desenho e muito mais que isso. Que desses traços surgissem o transporte para um trabalho de Colagem. No desenrolar desta Unidade de Trabalho, o Desenho foi sempre encarado como uma experiência de fluxo onde o aluno se autoconhece e se desenvolve como pessoa, e a Colagem, encarada como uma atividade reveladora da identidade de cada um. A exposição final encarada como o local onde o aluno se reviu como um artista, interventivo, com um papel ativo na sociedade, participando para o desenvolver do seu espírito crítico e utilizando de forma sistemática o Diário Gráfico tanto como suporte de um caminho realizado pelo aluno como guardador de todas as experiências.

Parece-me que a aplicação do relatório surtiu resultados positivos uma vez que os alunos passaram a encarar o Desenho como uma experiência muito própria e intimista. Deixaram de utilizar o medo como uma emoção, passando a ser somente um sentimento com o qual tinham de lidar de cada vez que desenhavam. Relativamente ao trabalho identitário, realizado através da Colagem, este processo realizado pelo aluno outrora foi identificado no trabalho realizado posteriormente à minha prática pedagógica. Revelaram que estavam sem medos no desenhar, queriam ir pela descoberta do Desenho, pela experiência do Desenho, por tudo o que esta experiência lhes permite.

O inquérito foi importante, na medida em que me mostrou como cada aluno e a turma se relacionavam com o Desenho e com a Colagem. Um ponto de partida mais objetivo é essencial para que o trabalho e o processo de qualquer Unidade de Trabalho sejam profícuo e incisivo.

Toda a minha prática pedagógica foi pautada por momentos muito agradáveis onde o ambiente propício à aprendizagem e ao bem-estar nas aulas esteve sempre presente, aliado ao empenho e ao interesse pelos exercícios que apresentei. Tenho sempre como preocupação maior este ambiente propício à aprendizagem, mas também a relação entre aquilo que ensino e o que é rececionado pelo aluno. Diante de mim está uma turma com vários alunos singulares e com personalidades próprias. Esta questão foi sempre tida em conta por mim fazendo um acompanhamento maior aos alunos que me solicitavam mais e deixando “voar” sózinhos aqueles que assim o queriam fazer.

Os resultados deste trabalho levam a ter a certeza da necessidade de continuar a trabalhar, experimentar, refletir para um desenvolvimento mais profícuo do autoconhecimento, do espírito crítico e do “eu” de cada aluno que passa por nós.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARNHEIM, R. (1985). *El Pensamento Visual*. Barcelona: Paidós Ibéria

BEUYS, J. (2011). *Cada Homem um Artista*. Amesterdão: Beuys Stiftung e 7nos

CALDAS, M. C. (2008). *Dar Coisas aos Nomes*. Lisboa: Assírio & Alvim

CABAU, P. (2011). *Design Pelo Desenho – Exercícios, Jogos, Problemas e Simulações*. Lisboa: FCA, Lda

CABAU, P. (2012). *O Dispositivo Desenho - A Implementação da Prática do Desenho na Ensino Artístico Contemporâneo*. Caldas da Rainha: Edições ESAD

DEWEY, J. (1934). *El Arte como Experiencia*. Barcelona: Paidós Ibéria

DUCHAMP, M. (1990). *Engenheiro do Tempo Perdido – Entrevistas com Pierre Cabanne*. Lisboa: Assírio & Alvim

GAMA, S. (1958). *Diário de Sebastião da Gama*. Lisboa: Edições Ática

GAMA, S. (1969). *O Segredo é Amar*. Lisboa: Edições Ática

GOLEMAN, D. (1995). *Inteligência Emocional*. Lisboa: Temas e Debates

LETRIA, J.J. (1999). *O 25 de Abril Contado às Crianças...e aos Outros*. Lisboa: Terramar

OLIVEIRA, A (2011). *Schenberg Crítica e Criação*. Ensaios de Cultura 45. Editora da Universidade de São Paulo - Edusp

VIVES, J. (1993). *Vamos Fazer Colagens*. Lisboa: Texto Editora

SAUSMAREZ, M. (1979). *Desenho Básico – As Dinâmicas da Forma Visual*. Lisboa: Editora Presença

## OUTRAS REFERÊNCIAS

ESAG (2011). Projeto Educativo de Escola. Acedido em junho 21, 2014, em <http://www.aeagedeao.pt>

MOMA (2009). The Collection. About this Artist. Biografia de Kurt Schwitters Acedido em junho 21, 2014, em [http://www.moma.org/collection/artist.php?artist\\_id=5293](http://www.moma.org/collection/artist.php?artist_id=5293)

Biografia de Kurt Schwitters. Acedido em junho, 18, 2014, em <http://www.schwitters-kurt.com/>

Blogue desenhador do quotidiano. Acedido em abril 9, 2014 em <http://diario-grafico.blogspot.pt/>

MARTINS, L.R. (2007). Colagem: investigações em torno de uma técnica moderna. Acedido em junho 21, 2014, em [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-532020070002000006&scrip=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1678-532020070002000006&scrip=sci_arttext)

WALSH, D. (2003). Collage. Acedido em junho 21, 2014, em <http://facweb.cs.depaul.edu/sgrais/collage.htm>

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2013). Programa de Educação Visual. Acedido em junho 21, 2014, em file:///C:/Documents%20and%20Settings/Ana/Os%20meus%20documentos/Downloads/3c\_eduvisual.pdf

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2013). Programa de Educação Visual - ajustamento. Acedido em junho 21, 2014, em file:///C:/Documents%20and%20Settings/Ana/Os%20meus%20documentos/Downloads/c475aa2cc82144e8a859b8fe9e823afa.pdf

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (2013). Metas Curriculares de Educação Visual. Acedido em junho 21, 2014, em file:///C:/Documents%20and%20Settings/Ana/Os%20meus%20documentos/Downloads/eb\_ev\_metas\_curriculares\_2\_e\_3\_ciclo.pdf

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA (1994). Instrumentos de Avaliação: Diversificar é Preciso. Acedido em junho 21, 2014, em file:///C:/Documents%20and%20Settings/Ana/Os%20meus%20documentos/Downloads/instrumentos\_avaliacao.pdf

## ÍNDICE DE ANEXOS

- ANEXO 1 Projeto Educativo de Escola
- ANEXO 2 Metas Curriculares de Educação Visual, 9º Ano
- ANEXO 3 Programa de Educação Visual
- ANEXO 4 Planificação da Unidade de Trabalho “Capa de CD Comemorativo dos 40 anos do 25 de abril” – Planos de Aula
- ANEXO 5 Apresentação em PowerPoint, com o tema “25 de abril de 1974”
- ANEXO 6 Enunciado do Exercício “O Colecionador”
- ANEXO 7 Enunciado do Exercício “Desenho Cego”
- ANEXO 8 Enunciado do Exercício “Desenhar com a mão oposta à que escreves”
- ANEXO 9 Enunciado do Exercício “Selo Iconográfico”
- ANEXO 10 Enunciado do Exercício “Na Linha”
- ANEXO 11 Enunciado do Exercício “Estica e Encolhe”
- ANEXO 12 Enunciado do Exercício “Rasgar, Colar e Transformar”
- ANEXO 13 Enunciado do Exercício “Sobrepondo”
- ANEXO 14 Enunciado do Exercício “Alto Contraste”
- ANEXO 15 Apresentação em PowerPoint, com o tema “Colagem e o seu Processo”
- ANEXO 16 Enunciado do Exercício de Colagem
- ANEXO 17 Classificações Finais da Unidade de Trabalho “Capa de CD Comemorativo dos 40 anos do 25 de abril”

- ANEXO 18 Exercícios aplicados nos Diários Gráficos
- ANEXO 19 Aplicação Prática da Unidade de Trabalho
- ANEXO 20 Memória Descritiva da Exposição Final